CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO E GESTÃO

IPECE Conjuntura

Boletim da Conjuntura Econômica Cearense



2º Trimestre de 2026

Fortaleza – Ceará
Outubro de 2026

IPECE
INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ

23 ANOS

Governador do Estado do Ceará
Elmano de Freitas da Costa

Vice-Governadora do Estado do Ceará
Jade Afonso Romero

Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG
Alexandre Sobreira Cialdini – Secretário
Naiana Corrêa Lima Peixoto - Secretária Executiva de Planejamento e Orçamento
José Garrido Braga Neto - Secretário Executivo de Gestão de Pessoas
Francisca Rejane Araujo Felipe Pessoa de Albuquerque - Secretária executiva de Planejamento e Gestão Interna
Saulo Moreira Braga - Secretário Executivo de Gestão de Compras e Patrimônio
Wendell Militão Fernandes Mendes - Secretário Executivo de Modernização e Governo Digital

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE
Diretor Geral
Alfredo José Pessoa de Oliveira

Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC
Ricardo Antônio de Castro Pereira

Diretoria de Estudos Sociais – DISOC
José Meneleu Neto

Diretoria de Estudos de Gestão Pública – DIGEP
José Fábio Bezerra Montenegro

Gerência de Estatística, Geografia e Informações – GEGIN
Rafaela Martins Leite Monteiro

IPECE Conjuntura – Vol. 15 – Nº 02 – abr-jun/2026

DIRETORIA RESPONSÁVEL:
Diretoria de Estudos Econômicos – DIEC

Coordenador da Conjuntura:
José Freire Junior (Analista de Políticas Públicas)

Equipe Técnica:
Alexsandre Lira Cavalcante (Analista de Políticas Públicas)
Nicolino Trompieri Neto (Analista de Políticas Públicas)
Witalo de Lima Paiva (Analista de Políticas Públicas)
Paulo pontes (Analista de políticas públicas)
Daniel Suliano (Analista de Políticas Públicas)
Ana Cristina Lima Maia (Assessora Técnica)

O **Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)** é uma autarquia vinculada à Secretaria do Planejamento e Gestão do Estado do Ceará. Fundado em 14 de abril de 2003, o IPECE é o órgão do Governo responsável pela geração de estudos, pesquisas e informações socioeconômicas e geográficas que permitem a avaliação de programas e a elaboração de estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento do Estado do Ceará.

Missão: Gerar e disseminar conhecimento e informações, subsidiar a formulação e avaliação de políticas públicas e assessorar o Governo nas decisões estratégicas, contribuindo para o desenvolvimento sustentável do Ceará.

Valores: Ética, transparência e impessoalidade; Competência, comprometimento e senso de equipe; Compromisso com a sociedade e valorização do ser humano; Autonomia Técnica; Rigor científico e inovação.

Visão: Até 2031, consolidar-se como referência em inteligência pública e assessoramento estratégico ao Governo do Ceará, ampliando sua capacidade de produzir e disseminar conhecimento qualificado, inovador e orientado às políticas públicas efetivas e sustentáveis.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)
Av. Gal. Afonso Albuquerque Lima, s/n | Edifício SEPLAG | Térreo Cambeba | Cep: 60.822-325 |
Fortaleza, Ceará, Brasil | Telefone: (85) 2018-2639
www.ipece.ce.gov.br

Sobre o **IPECE Conjuntura**

A Série **IPECE Conjuntura**, disponibilizada pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), apresenta inicialmente uma análise do cenário econômico nacional e internacional que servem para fundamentar a reflexão sobre o desempenho das atividades econômicas cearenses. O referido documento aborda diversos temas analisando indicadores que traduzem o dinamismo conjuntural da economia cearense a partir das três grandes atividades: agropecuária, indústria e serviços. Ademais é feito uma análise sobre a dinâmica do mercado de trabalho formal e informal cearense e do comércio exterior local realizando uma análise comparativa com o país. O citado documento procura atender as demandas dos setores público e privado por informações de curto prazo da economia cearense.

Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – **IPECE** 2026
IPECE Conjuntura / Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) / Fortaleza – Ceará: IPECE, 2026

ISSN: 2357-7789

1. Panorama Internacional. 2. Economia Brasileira. 3. Economia Cearense. 4. Produto Interno Bruto. 5. Análise Setorial. 6. Mercado de Trabalho. 7. Comércio Exterior. 8. Finanças Públicas.

CONTEÚDO

1. SUMÁRIO EXECUTIVO, 3

2. PANORAMA INTERNACIONAL E ECONOMIA BRASILEIRA, 4

2.1 Estimativa de Crescimento da Economia Mundial, 4

2.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto, 6

2.3 Inflação, 9

3. ATIVIDADE ECONÔMICA CEARENSE, 11

3.1 Produto Interno Bruto, 11

3.2 Agropecuária, 12

3.3 Indústria de Transformação, 17

3.4 Serviços, 21

4. MERCADO DE TRABALHO, 34

4.1 Panorama Geral – Ceará, 34

4.2 Dinâmica dos Empregos Formais, 37

5. COMÉRCIO EXTERIOR, 42

6. FINANÇAS PÚBLICAS, 48

1 Sumário Executivo

- No ano de 2026, a economia mundial deverá crescer 3,0%, conforme as projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) apresentadas no World Economic Outlook Update de julho de 2026. A estimativa representa uma revisão para baixo de 0,1 ponto percentual em relação a abril 2026;

- No segundo trimestre de 2026, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos sobre produtos líquidos de subsídios, registrou expansão de 2,0% em relação ao segundo trimestre de 2025;

- No segundo trimestre de 2026, em relação ao mesmo período de 2025, a economia cearense apresentou crescimento de 2,21%. superior à expansão de 2,0% registrada no Brasil, segundo o IPECE. Na revisão de setembro de 2026, a previsão do IPECE para o crescimento em volume é de 2,48% para o PIB do Ceará no ano de 2026, ante a previsão de 2,70% divulgada em junho;

- A produção de feijão, fava e soja para 2026, apontam crescimento da produção, diante do maior rendimento, com taxas de 66,7%, 6,6% e 31,9%, respectivamente. Apenas o arroz vem tendo redução da produção devido a menor área colhida;

- A Indústria de Transformação, no Ceará, registrou uma redução de -0,4% em sua produção física entre os meses de abril a junho de 2026, na comparação com igual período do ano anterior;

- Os serviços empresariais não-financeiros do Estado do Ceará mostram que no segundo trimestre de 2026 os serviços recuaram -5,2%, tendo sido inclusive mais intensa que a queda de -4,3% no primeiro trimestre de 2026, utilizando como base de comparação o mesmo trimestre do ano anterior;

- A partir dos dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é possível observar que as vendas do varejo comum cearense registraram, em junho de 2026, forte crescimento de 4,6% comparado a junho de 2025;

- A partir dos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) é possível observar que o mercado de trabalho formal cearense registrou saldo positivo nos seis primeiros meses do ano de 2026, finalizando junho com um saldo de 5.291 vagas;

- No segundo trimestre de 2026, as exportações cearenses voltaram a apresentar queda, registrando o valor de US$ 493 milhões, quantia abaixo do observado para o mesmo período de 2025, mas acima do valor de 2024;

- No que se refere as finanças públicas do Governo do Estado do Ceará é possível constatar que no segundo trimestre de 2026, comparativamente a idêntico período do ano anterior, houve aumento na disponibilidade de recursos, para o financiamento das políticas públicas, dado pelo incremento de 11,2%

2 Panorama Internacional e Economia Brasileira

2.1 Estimativas de Crescimento Econômico Mundial

No ano de 2026, a economia mundial deverá crescer 3,0%, conforme as projeções do Fundo Monetário Internacional (FMI) apresentadas no World Economic Outlook Update de julho de 2026. A estimativa representa uma revisão para baixo de 0,1 ponto percentual em relação ao relatório de abril. Para 2027, a previsão foi elevada de 3,2% para 3,4%, indicando recuperação da atividade, mas ainda abaixo do crescimento médio de 3,5% registrado em 2024 e 2025.

As perspectivas para a economia mundial refletem os efeitos de duas forças de natureza distinta. De um lado, o conflito no Oriente Médio eleva os preços da energia e dos alimentos, reduz o poder de compra das famílias e aumenta os custos de produção. De outro, a expansão dos investimentos e do comércio associados à tecnologia, especialmente à inteligência artificial, compensa parcialmente esses efeitos. No cenário de referência de julho, o FMI pressupõe o retorno das condições anteriores ao conflito até março de 2027. Essa hipótese condiciona a recuperação projetada, enquanto a exposição às importações de energia e a participação nas cadeias tecnológicas contribuem para trajetórias distintas entre as economias. Nesse contexto, o volume do comércio mundial de bens e serviços deverá crescer 3,5% em 2026, abaixo dos 5,0% de 2025, e avançar 4,3% em 2027.

O FMI projeta uma interrupção do processo de desinflação mundial. Após alcançar 4,1% em 2025, a inflação global deverá aumentar para 4,7% em 2026, antes de recuar para 3,9% em 2027. As previsões foram revistas para cima em 0,3 e 0,2 ponto percentual, respectivamente, em relação ao relatório de abril de 2026, principalmente em razão dos preços mais elevados da energia e dos alimentos. Esse quadro reduz o espaço para a flexibilização monetária e exige cautela dos bancos centrais para preservar a ancoragem das expectativas. Embora os riscos estejam mais equilibrados do que em abril, permanecem predominantemente negativos, diante da possibilidade de recrudescimento do conflito, de maior fragmentação comercial e de uma correção das expectativas relacionadas ao setor de tecnologia.

A economia dos Estados Unidos cresceu 2,2% no segundo trimestre de 2026, em relação ao mesmo período de 2025, ante a expansão de 2,4% registrada no segundo trimestre de 2025, na comparação com igual período de 2024. Apesar dessa moderação, o FMI destaca que a política fiscal, as condições financeiras favoráveis e os investimentos empresariais em tecnologia sustentam a atividade. A condição de exportador líquido de energia também atenua os efeitos do conflito sobre a economia

americana. Para 2026, o Fundo indica uma projeção de crescimento de 2,3% e prevê expansão de 2,2% em 2027.

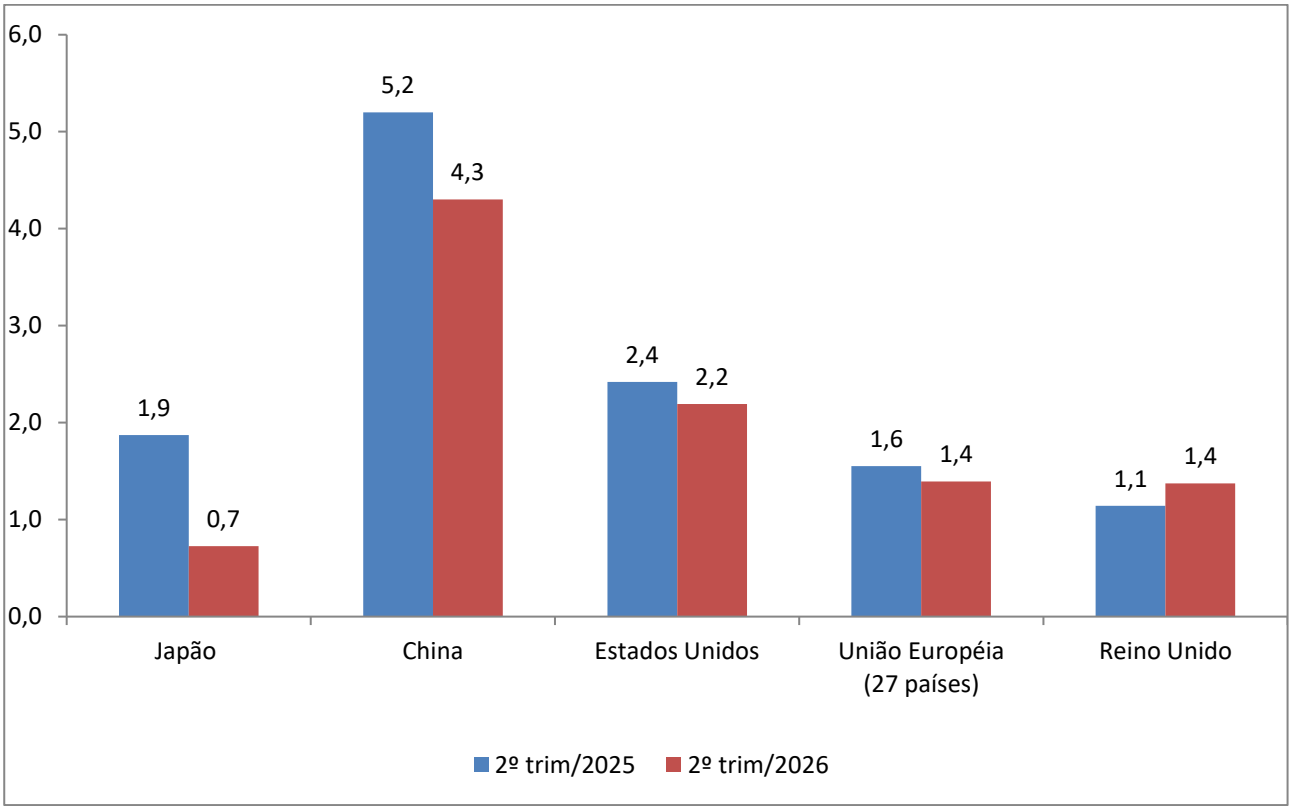
A União Europeia, composta por 27 países, registrou crescimento de 1,4% no segundo trimestre de 2026, em relação ao mesmo período de 2025, conforme os dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apresentados no Gráfico 2.1. O resultado foi ligeiramente inferior à expansão de 1,6% observada no segundo trimestre de 2025, na comparação com igual período de 2024. Para o conjunto da União Europeia, o FMI projeta crescimento de 1,2% em 2026 e de 1,4% em 2027. Para a área do euro, as projeções são de 0,9% e 1,2%, respectivamente.

O Reino Unido apresentou crescimento de 1,4% no segundo trimestre de 2026, em relação ao mesmo período de 2025. O resultado representa uma aceleração diante da expansão de 1,1% registrada no segundo trimestre de 2025, na comparação com igual período de 2024. Apesar dessa melhora, os preços mais elevados da energia continuam limitando as perspectivas de expansão da atividade, pelos seus efeitos sobre a inflação e a renda real das famílias. Segundo o FMI, o PIB britânico deverá crescer 1,0% em 2026, e 1,3% em 2027, à medida que os efeitos do choque energético se dissipem.

A economia da China cresceu 4,3% no segundo trimestre de 2026, em relação ao mesmo período de 2025. O resultado ficou abaixo da expansão de 5,2% registrada no segundo trimestre de 2025, na comparação com igual período de 2024, embora o país permaneça com a maior taxa de crescimento entre as economias apresentadas no Gráfico 2.1. Ao analisar o desempenho econômico chinês, o FMI destaca o suporte dos investimentos públicos em infraestrutura, da produção industrial de alta tecnologia e das exportações, enquanto o consumo doméstico ainda permanece enfraquecido. Os preços mais elevados do petróleo, a incerteza e os obstáculos estruturais limitam as perspectivas de expansão. O FMI projeta crescimento de 4,6% em 2026 e de 4,1% em 2027.

O PIB do Japão cresceu 0,7% no segundo trimestre de 2026, em relação ao mesmo período de 2025, resultado inferior à expansão de 1,9% observada no segundo trimestre de 2025, na comparação com igual período de 2024. Nas projeções do FMI, os custos mais elevados da energia restringem a atividade econômica, enquanto as medidas de apoio fiscal amortecem parcialmente esse impacto. Para 2026, o Fundo prevê crescimento de 0,6%, seguido de expansão de 0,7% em 2027, com a dissipação gradual do choque energético.

Gráfico 2.1 - Taxa de Crescimento (%) do PIB para países selecionados – trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior – 2º Trim. 2025 e 2º Trim. 2026.



Fonte: OECD.

2.2 Economia Brasileira e Produto Interno Bruto

No segundo trimestre de 2026, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que representa o somatório dos valores adicionados dos setores da Agropecuária, Indústria e Serviços, acrescidos dos impostos sobre produtos líquidos de subsídios, registrou expansão de 2,0% em relação ao segundo trimestre de 2025 (Tabela 2.1). No acumulado do ano, correspondente ao primeiro semestre de 2026 frente a igual período de 2025, a economia brasileira cresceu 1,9%, enquanto no acumulado dos últimos quatro trimestres apresentou alta de 1,9%.

Tabela 2.1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Brasil - 2º Trim. 2025 a 2º Trim. 2026 (*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2025 (**)	3º Trim. 2025 (**)	4º Trim. 2025 (**)	1º Trim. 2026 (**)	2º Trim. 2026 (**)	Acumulado no Ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	**11,5**	**10,1**	**12,1**	**0,7**	**6,8**	**3,6**	**6,2**
Indústria	**1,1**	**1,7**	**0,6**	**1,6**	**1,5**	**1,6**	**1,4**
Extrativa Mineral	8,8	11,9	12,0	13,1	12,0	12,5	12,2
Transformação	-0,2	-0,6	-2,0	-0,9	-0,9	-0,9	-1,1
Construção Civil	0,2	2,0	-2,9	1,3	1,0	1,1	0,3
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-3,1	-1,0	1,0	-1,7	-0,5	-1,1	-0,6
Serviços	**1,9**	**1,3**	**2,0**	**2,1**	**1,5**	**1,8**	**1,7**
Comércio	1,0	0,9	0,2	1,0	0,9	1,0	0,8
Transportes	1,3	4,2	1,7	0,7	1,2	0,9	2,0
Intermediação Financeira	3,5	0,4	4,5	2,8	1,0	1,9	2,2
Administração Pública	0,1	0,3	0,9	1,1	0,9	1,0	0,8
Outros Serviços	2,7	1,1	2,1	2,4	1,1	1,7	1,7
Valor Adicionado (VA)	**2,5**	**1,9**	**1,9**	**1,8**	**1,9**	**1,9**	**1,9**
PIB	**2,4**	**1,8**	**1,8**	**1,8**	**2,0**	**1,9**	**1,9**

Fonte: IBGE. Elaboração: IPECE. Divulgação do 2º trimestre de 2026.
(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;
(**) Em comparação ao mesmo período do ano anterior.
(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

Entre os três grandes setores da economia, a Agropecuária apresentou a maior expansão relativa no segundo trimestre de 2026, de 6,8%, em comparação com igual período de 2025. Segundo o IBGE, o desempenho foi favorecido pela Pecuária e por lavouras relevantes no trimestre. O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de agosto apontou crescimento nas estimativas anuais de produção de soja (5,3%) e café (15,1%), acompanhado de ganhos de produtividade, compensando as quedas do arroz (-11,3%) e do algodão (-6,7%) e a estabilidade do milho (0,0%).

A Indústria cresceu 1,5% no segundo trimestre de 2026, em relação ao mesmo período de 2025, com destaque para a Indústria Extrativa (12,0%), impulsionada pelo aumento da extração de petróleo e gás. A Construção Civil também registrou expansão (1,0%). Em contrapartida, a Indústria de Transformação recuou 0,9%, enquanto a atividade de Eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos apresentou queda de 0,5%. Esses resultados mostram um desempenho heterogêneo da atividade industrial, com o avanço da extração mineral contrastando com a retração da transformação.

O valor adicionado dos Serviços cresceu 1,5%, na comparação com o segundo trimestre de 2025, com resultados positivos em todas as atividades. Destacaram-se Informação e comunicação (8,4%) e Atividades imobiliárias (2,2%), seguidas por Transportes (1,2%), Outros Serviços (1,1%) e Intermediação Financeira (1,0%). Comércio e Administração Pública registraram expansão de 0,9% cada. Apesar da disseminação das taxas positivas, o crescimento dos Serviços foi inferior ao

observado no primeiro trimestre de 2026 (2,1%), indicando moderação da expansão interanual do setor.

Tabela 2.2 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - Brasil - 2º Trim. 2025 a 2º Trim. 2026 (*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2025 (**)	3º Trim. 2025 (**)	4º Trim. 2025 (**)	1º Trim. 2026 (**)	2º Trim. 2026 (**)
Agropecuária	**-3,2**	**0,5**	**0,7**	**2,3**	**2,8**
Indústria	**0,7**	**0,6**	**-0,7**	**1,2**	**0,1**
Extrativa Mineral	4,4	2,4	1,7	3,9	3,4
Transformação	-0,4	0,2	-0,7	0,1	-0,4
Construção Civil	-0,2	0,9	-2,3	2,8	-0,4
Eletricidade, Gás e Água (SIUP)	-0,9	-1,2	1,2	0,0	-1,1
Serviços	**0,8**	**0,3**	**0,6**	**0,4**	**0,2**
Comércio	0,1	0,3	-0,2	0,8	0,0
Transportes	0,8	2,2	-1,4	-0,6	1,1
Intermediação Financeira	1,6	-1,1	3,0	-0,7	-0,3
Administração Pública	0,0	0,4	0,3	0,4	-0,4
Outros Serviços	1,2	0,1	0,7	0,4	0,0
Valor Adicionado (VA)	**0,4**	**0,1**	**0,2**	**1,0**	**0,5**
PIB	**0,4**	**0,1**	**0,2**	**1,1**	**0,5**

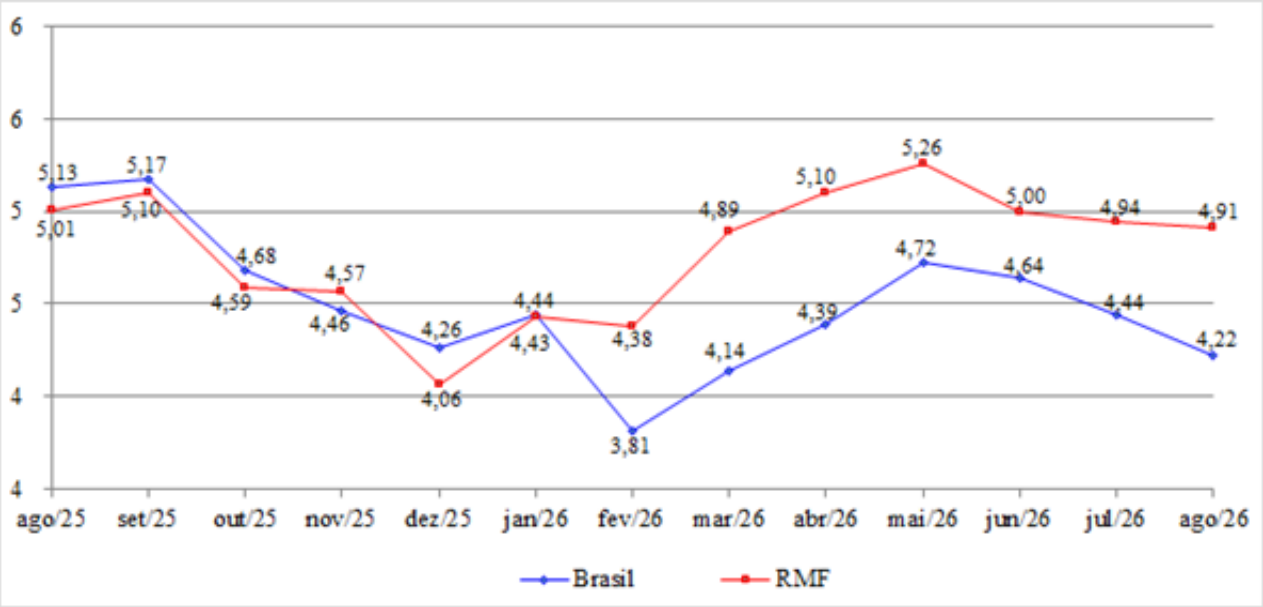
Fonte: IPECE e IBGE.
(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;
(**) Em comparação ao trimestre imediatamente anterior, com ajuste sazonal.

Na comparação do segundo trimestre de 2026 com o primeiro trimestre de 2026, considerando as séries dessazonalizadas (Tabela 2.2), o PIB do Brasil avançou 0,5%, após crescer 1,1% no trimestre anterior. A Agropecuária apresentou alta de 2,8%, enquanto os Serviços e a Indústria cresceram 0,2% e 0,1%, respectivamente. Na Indústria, a expansão da atividade Extrativa (3,4%) compensou os recuos em Eletricidade, gás e água (-1,1%), Transformação (-0,4%) e Construção (-0,4%). Nos Serviços, destacaram-se Informação e comunicação (2,1%) e Transportes (1,1%), enquanto as Atividades imobiliárias avançaram 0,2%. Comércio e Outros Serviços permaneceram estáveis (0,0%), ao passo que Administração Pública (-0,4%) e Intermediação Financeira (-0,3%) apresentaram retração.

2.3 Inflação

O Gráfico 2.2 apresenta a inflação acumulada dos últimos 12 meses até agosto de 2026 do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) e do Brasil.

Gráfico 2.2 - Variação Acumulada nos últimos 12 meses – IPCA – Brasil e RMF



Fonte: IBGE: Elaboração: IPECE.

O acumulado nos últimos 12 meses da RMF voltou a recuar ficando em 4,91%, enquanto o nacional ficou em 4,22% e, portanto, novamente, pelo segundo mês seguido, abaixo do teto da meta. Na meta contínua de inflação, o IPCA ultrapassa o alvo se a inflação em 12 meses permanecer acima de 4,5% por seis meses seguidos.

Como já destacado em documentos anteriores, desde janeiro de 2025 a meta perseguida pelo Banco Central (BC) passou a se referir à inflação acumulada em doze meses, apurada mês a mês, denominada de "meta contínua". Assim, a inflação acumulada em doze meses é comparada com a meta e seu intervalo de tolerância mês a mês. A verificação não fica mais restrita ao mês de dezembro de cada ano sendo a meta considerada descumprida se a inflação ficar fora do intervalo de tolerância por seis meses consecutivos.

Embora o recuo da inflação nesses últimos meses tenha se refletido nas expectativas divulgadas no relatório Focus pelo Banco Central as projeções para o IPCA em 2026 no mesmo relatório divulgado em 11 de setembro de 2026 alcançaram 4,9% ficando, assim, em pouco menos de 5% e, portanto, ainda acima do intervalo de tolerância de 4,5% da meta contínua. Já para 2027, 2028 e 2029 as expectativas se encontram abaixo do intervalo, embora acima da meta com valores de, respectivamente, de 4,3%, 3,8% e 3,5%, respectivamente.

O comunicado do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central de agosto de 2026 remeteu que o conjunto dos indicadores divulgados do cenário doméstico sugere uma moderação gradual da atividade econômica, embora ainda em patamar resiliente, com sinais mistos entre setores, e mercado de trabalho aquecido. A inflação cheia embora tenha desacelerado, ainda se encontra acima do limite superior da meta, enquanto as medidas subjacentes desaceleraram para patamar ligeiramente abaixo do limite superior da meta.

Entre os riscos de alta, destacam-se a desancoragem das expectativas de inflação por período mais prolongado, com horizontes mais longos incorporando impactos potenciais de segunda ordem de choques de oferta, relacionados ao petróleo e seus derivados, e a efeitos climáticos sobre a produtividade agrícola e custos de energia; a maior resiliência na inflação de serviços do que a projetada em função de um hiato do produto mais positivo; uma conjunção de políticas econômicas externa e interna que tenham impacto inflacionário maior que o esperado, por exemplo, por meio de uma taxa de câmbio persistentemente mais depreciada e estímulos à demanda agregada, em particular ao componente de consumo, que tenham como resultado o crescimento da atividade econômica acima do produto potencial, enfraquecendo parte dos canais usuais de transmissão da política monetária.

3 Atividade Econômica Cearense

3.1 Produto Interno Bruto

No segundo trimestre de 2026, em relação ao mesmo período de 2025, a economia cearense apresentou crescimento de 2,21% (Tabela 3.1), superior à expansão de 2,0% registrada no Brasil. Para o acumulado do ano, correspondente ao primeiro semestre de 2026 frente a igual período de 2025, o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE) divulgou crescimento de 2,29%, enquanto no acumulado dos últimos quatro trimestres a expansão foi de 2,25%. Na revisão de setembro de 2026, a previsão do IPECE para o crescimento em volume é de 2,48% para o PIB do Ceará no ano de 2026, ante a previsão de 2,70% divulgada em junho.

Em relação aos setores que compõem o cálculo do PIB do Ceará, na comparação do segundo trimestre de 2026 com igual período de 2025, o destaque foi a Agropecuária, com crescimento de 13,88%, seguida pelos Serviços (1,81%) e pela Indústria (0,39%).

Tabela 3.1 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior - Ceará - 2º Trim. 2025 a 2º Trim. 2026 (*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2025 (**)	3º Trim. 2025 (**)	4º Trim. 2025 (**)	1º Trim. 2026 (**)	2º Trim. 2026 (**)	Acumulado no Ano (**)	Acumulado nos 4 últimos Trim (***)
Agropecuária	-5,75	4,20	4,86	3,60	13,88	7,91	3,49
Indústria	3,41	1,24	0,59	0,15	0,39	0,30	0,64
Serviços	3,28	2,85	2,57	2,35	1,81	2,45	2,60
Valor Adicionado (VA)	**2,74**	**2,52**	**2,33**	**1,90**	**2,27**	**2,29**	**2,23**
PIB	**2,80**	**2,53**	**2,34**	**1,93**	**2,21**	**2,29**	**2,25**

Fonte: IPECE e IBGE. Elaboração: IPECE.
(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;
(**) Em comparação ao mesmo período do ano anterior.
(***) Em comparação aos quatro trimestres imediatamente anteriores.

O desempenho agropecuário ocorreu após a retração de 5,75% registrada no segundo trimestre de 2025 e esteve associado, segundo o IPECE, à recuperação da produção agrícola. Na Indústria, as altas na Construção Civil (3,23%) e em Eletricidade, gás e água (2,87%) contrastaram com a queda na Transformação (-1,25%). Nos Serviços, destacaram-se Transportes, armazenagem e correios (5,23%), Serviços prestados às famílias e associativos (4,50%) e Alojamento e alimentação (3,12%).

A Tabela 3.2 apresenta as séries dessazonalizadas da economia cearense, permitindo comparar cada trimestre com o imediatamente anterior. No segundo trimestre de 2026, o PIB do Ceará cresceu 0,18% em relação ao primeiro trimestre, abaixo da alta de 0,42% registrada no período anterior e do avanço de 0,5% observado no Brasil. Entre os setores, a Agropecuária cresceu 7,17%, após recuar 2,93% no

primeiro trimestre. Os Serviços apresentaram virtual estabilidade (0,01%), enquanto a Indústria registrou retração de 0,17%, a terceira consecutiva nessa base de comparação. O resultado indica perda de ritmo da atividade estadual na margem, apesar da recuperação agropecuária.

Tabela 3.2 - Taxas de crescimento (%) do PIB e Valor Adicionado por atividades no trimestre em relação ao trimestre imediatamente anterior - Ceará - 2º Trim. 2025 a 2º Trim. 2026 (*)

Setores e Atividades	2º Trim. 2025 (**)	3º Trim. 2025 (**)	4º Trim. 2025 (**)	1º Trim. 2026 (**)	2º Trim. 2026 (**)
Agropecuária	-7,43	12,55	-2,30	-2,93	7,17
Indústria	-0,59	1,49	-0,54	-0,39	-0,17
Serviços	1,20	0,64	0,59	0,56	0,01
Valor Adicionado (VA)	**0,13**	**1,79**	**-0,12**	**0,39**	**0,19**
PIB	**0,24**	**1,68**	**-0,09**	**0,42**	**0,18**

Fonte: IPECE e IBGE.
(*) São dados preliminares e podem sofrer alterações, quando forem divulgados os dados definitivos;
(**) Em comparação ao trimestre imediatamente anterior, com ajuste sazonal.

3.2 Agropecuária

O setor agropecuária do Ceará, em 2026, vem apresentando um comportamento moderado, com expectativa de uma colheita de grãos maior que no ano passado e com as atividades da pecuária mantendo a tendência de crescimento, porém, com o ritmo menor comparado ao ano de 2025.

Ao analisar a situação hídrica, os dados pluviométricos da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) evidenciam que no segundo trimestre de 2026, as chuvas no estado do Ceará ficaram em torno da média, com 7,5% de variação positiva, contribuindo para um maior rendimento das lavouras agrícolas e aumento da colheita e maior tempo de pasto verde.

Ao verificar o volume de chuvas por regiões cearenses, observou-se que o Litoal de Fotaleza e o Maciço de Baturité tiveram chuvas acima da média no período do segundo trimestre de 2026, com variações positivas de 23% e 24,4%, respectivamente. Todas as demais regiões registraram pluviosidade em torno da média. As regiões com maiores desvios positivos com relação a média, foram: Litoral Norte (23,2%), Litoral do Pecem (16,4%) e Jaguaribana (12,4%). O maior volume de chuvas no segundo trimestre de 2026 ocorreu na Região de Fortaleza (637.7 milímetros), seguida pela Região do Maciço de Baturité (556.6 milímetros), Litoral Norte (489.2 milímetros), Litoral do Pecem (336.5 milímetros) (Tabela 3.3).

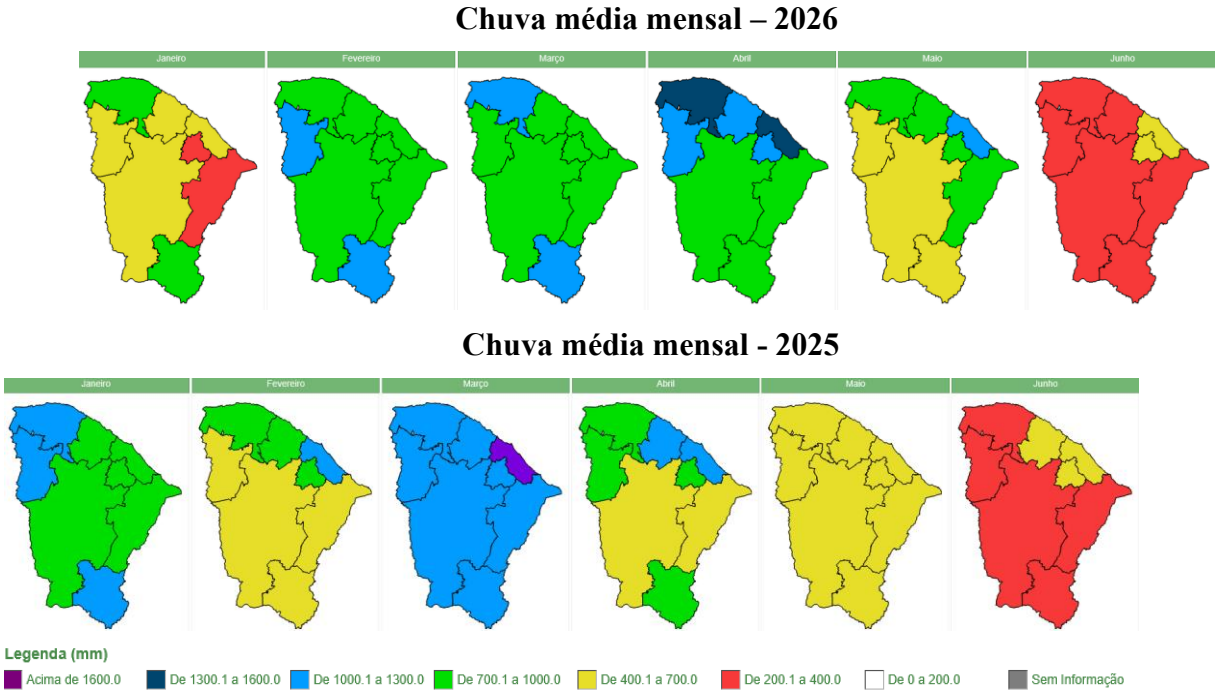
Tabela 3.3 - Comparativo do desvio percentual entre a média das normais e a média das pluviosidades observadas, 2º trimestre de 2026

Macrorregião	Normal (mm)	Observado (mm)	Desvio (%)	Resumo
Cariri	262.8	277.9	5,8	Em torno da média
Ibiapaba	348.2	346.8	-0,4	Em torno da média
Jaguaribana	331.6	372.7	12,4	Em torno da média
Litoral de Fortaleza	518.5	637.7	23,0	Acima da média
Litoral de Pecém	375	436.5	16,4	Em torno da média
Litoral Norte	397.1	489.2	23,2	Em torno da média
Maciço de Baturité	447.5	556.6	24,4	Acima da média
Sertão Central e Inhamuns	258.7	245.7	-5,0	Em torno da média
Estado do Ceará	318.6	342.6	7,5	Em torno da média

Fonte: FUNCEME, 2024.

Ao verificar a distribuição temporal das chuvas nos primeiros seis meses, observou-se que em 2025 houve maior concentração temporal das chuvas, concentradas nos meses de janeiro e março, enquanto que nos meses de fevereiro, abril e maio choveu bem menos. Já em 2026, verificou-se maior regularidade, com chuvas mais intensas nos meses de fevereiro, março e abril, e mantendo essa intensidade no mês de abril nas regiões ao norte e ao leste do estado. A distribuição de chuvas de 2026, favorece mais o plantio de sequeiro e assegura os pastos por um tempo mais prolongado (Gráfico 3.1).

Gráfico 3.1 - Chuva média mensal por macrorregião do Ceará – 2025 - 2026



Fonte: Fonte: FUNCEME, 2026.

O Ceará, ao final do primeiro semestre de 2026 estava com 53% da capacidade de volume d'água total do estado, quantidade próxima do observado no mesmo período de 2025, quando estava com 53,7% da capacidade.

Produção de grãos

A produção de grãos para 2026 está apresentando crescimento com relação ao ano de 2025, conforme aponta os dados do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola LSPA/IBGE[1]. A produção de milho indica crescimento de 100% em 2026, comparado a 2025. A produção de feijão, fava e soja, também apontam crescimento da produção, diante do maior rendimento, com taxas de 66,7%, 6,6% e 31,9%, respectivamente. Apenas o arroz vem tendo redução da produção devido a menor área colhida (Tabela 3.4).

No grupo de oleaginosas, destaque para o algodão com crescimento de 16,0%. O grupo de tubérculos e raízes apresenta redução de -7,57%, puxado pela queda de 11,6% da produção de mandioca.

Tabela 3.4 - Produção (toneladas) estimada de Grãos e de Tubérculos e Raízes, Ceará, 2025-2026

Produção de Cereais, Leguminosas e Oleaginosas e Raizes Tubérculos	Produção (t) 2025	Produção (t) 2026	Var (%) 2026/2025
Arroz	20.170	16.914	-16,14%
Feijão	61.860	103.102	66,67%
Fava	5.909	6.300	6,62%
Milho	284.566	574.252	101,80%
Soja	14.130	18.637	31,90%
Total de cereais e leguminosas	**389.858**	**720.027**	**84,69%**
Total de oleaginosas	**2.744**	**4.402**	**60,42%**
Tubérculos e raízes	**1.148.541**	**1.061.620**	**-7,57%**

Fonte: LSPA/PAM/IBGE. Elaboração IPECE
Notas: (*) As estimativas de 2025 são obtidas pelo LSPA.

[1] As estimativas realizadas pelo LSPA/IBGE, começam o ano com base nas safras passadas e nas condições de plantio. Esta sistemática possibilita uma análise mensal dos valores estimados de área, produção e produtividade de cada cultura investigada.

Produção de Frutas

A produção das frutas e hortaliças no Ceará em 2026 apresenta, em geral, perspectiva de crescimento para 2026, embora com comportamentos distintos entre as culturas.

Entre as frutas, destacam-se os aumentos estimados para melancia, cuja produção passa de 66.930 para 78.629, representando crescimento de 17,48%, mamão, com alta de 11,60%, manga, com 5,98%, e maracujá, com 4,63%. Também são estimados crescimentos para goiaba (2,19%) e acerola (1,13%). A produção de pitaia também entra em destaque, embora ainda seja considerada pequena, vem crescendo e conquistando o mercado nacional e internacional.

Em sentido contrário, algumas culturas apresentam redução na produção. A laranja registra a maior queda, de 9,05%. O melão apresenta redução de 3,74%, enquanto o coco-da-baía diminui 0,64%. A banana, apesar de apresentar uma produção bastante elevada em termos absolutos, permanece praticamente estável, com pequena redução de 0,31%.

Com relação as hortaliças verificou-se aumento para a produção de tomate (2,6%), abóbora (17,8%), pimentão (7,1%) e alface (9,3%) (Tabela 3.5).

Tabela 3.5 - Estimativa da Produção de Frutas e Hortaliças (em toneladas) no Ceará – 2025-2026

Produção de Frutas/Hortaliças	Produção 2025	Estimativa 2026	Variação (%) 2025/2024
Acerola	70.918	71.717	1,13
Banana	495.663	494.125	-0,31
Coco-da-baía **	587.255	583.479	-0,64
Goiaba	25.911	26.479	2,19
Laranja	8.971	8.159	-9,05
Mamão	119.007	132.813	11,60
Manga	41.359	43.834	5,98
Maracujá	169.627	177.482	4,63
Melancia	66.930	78.629	17,48
Melão	120.841	116.318	-3,74
Pitaia	3.512	4.142	17,94
Pimentão	72.500	77.685	7,15
Alface	33.031	36.089	9,26
Abóbora	18.205	21.453	17,84
Tomate	205.796	211.151	2,60

Fonte: LSPA/PAM/IBGE. Elaboração IPECE
Notas: (*) As estimativas de 2025 são obtidas pelo LSPA. (**) Produção em mil frutos.

Pecuária

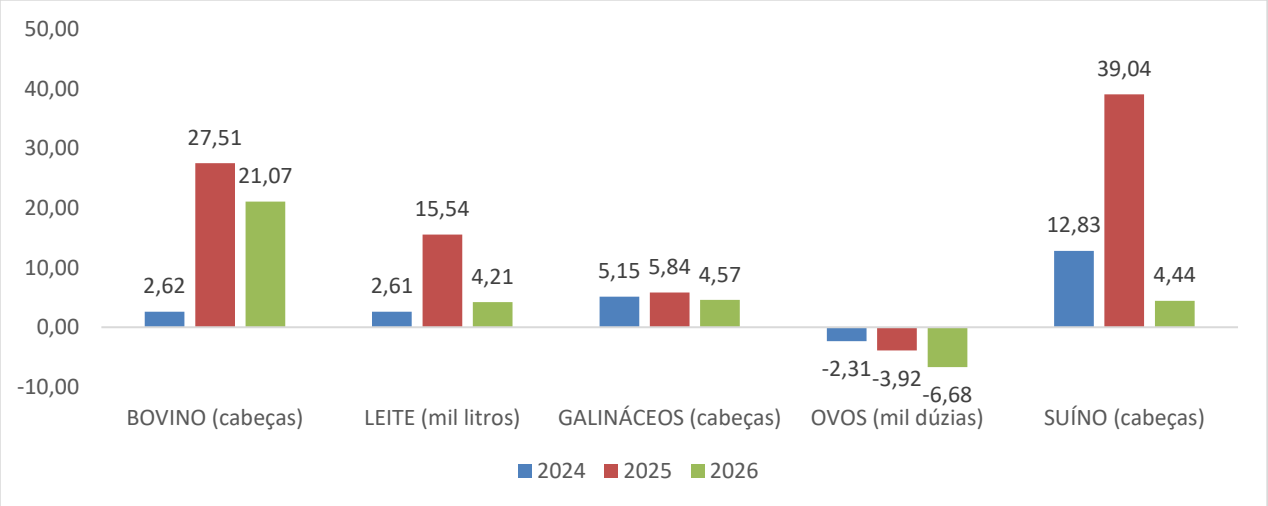
Para 2026, os dados apontam para uma desaceleração da crescimento das atividades da pecuária em relação a 2025. Apesar disso, bovinos, leite, galináceos e suínos ainda apresentam variações positivas, enquanto a produção de ovos mantém uma trajetória de retração.

O abate de bovinos cresceu 21,07% em 2026, permanecendo em destaque dentre as atividades analisadas. Embora seja inferior aos 27,51% registrados em 2025, o resultado indica manutenção de uma expansão relevante do rebanho. O abate de galináceos apresenta comportamento mais estável, pra 2026, estima-se crescimento de 4,57%, próximo aos 5,84% observados em 2025. Nos suínos, a estimativa de abate para 2026 é de crescimento de 4,44%. O resultado representa uma forte desaceleração frente aos 39,04% de 2025, mas mantém a atividade com desempenho positivo.

No leite, a estimativa para 2026 é de 4,21% de crescimento. Trata-se de uma desaceleração em relação aos 15,54% de 2025, mas o indicador permanece positivo, sugerindo continuidade da expansão, ainda que em ritmo mais moderado.

Já a produção de ovos constitui o principal ponto de atenção em 2026. O indicador estimado é de -6,68%, mantendo a tendência de queda observada em 2024 (-2,31%) e 2025 (-3,92%). Portanto, além de apresentar resultado negativo, a atividade registra uma trajetória de queda ao longo do período.

Gráfico 3.2 - Atividades da Pecuária abate, leite e ovos – Ceará – 2024 – 2025 - 2026



Fonte: Fonte: Pesquisas trimestrais de abate, leite e ovos2. Elaboração: IPECE.

[2]**A Pesquisa Trimestral do Abate de Animais**: todos os estabelecimentos cadastrados são investigados, sem amostragem ou corte, a pesquisa representa o universo do abate formal de bovinos, suínos e frangos do País. O abate informal não é investigado ou estimado, portanto não faz parte da pesquisa.
A Pesquisa Trimestral do Leite: todos os estabelecimentos cadastrados são investigados, sem amostragem ou corte, a pesquisa representa o universo da aquisição e industrialização formal de leite cru do País. O leite não inspecionado pela fiscalização sanitária (informal) não é contabilizado ou estimado pela pesquisa.
Produção de ovos de galinha: a pesquisa investiga um painel de informantes composto por todos os estabelecimentos que produzem ovos de galinha e possuem capacidade de alojamento de pelo menos 10.000 galinhas poedeiras. A pesquisa representa a produção especializada e comercial de ovos.

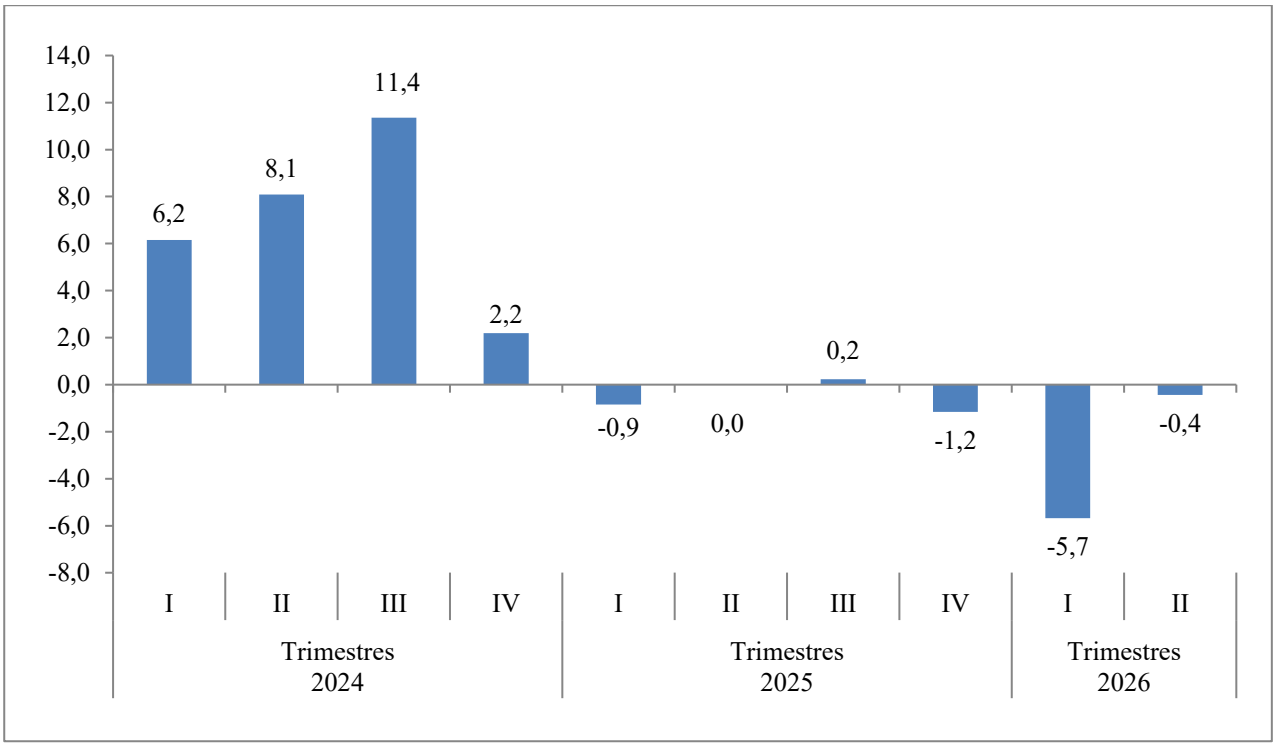
3.3 Indústria de Transformação – Produção Física (2º Trimestre – 2026)

A Indústria de Transformação, no Ceará, registrou uma redução de -0,4% em sua produção física entre os meses de abril a junho de 2026, na comparação com igual período do ano anterior. Após intenso recuo no primeiro trimestre do ano (-5,7%), a manufatura local retomou o cenário de estabilidade que tem caracterizado os últimos meses, apresentando taxas levemente negativas.

A despeito deste contexto, dados os últimos resultados, a manufatura cearense alcançou o sexto trimestre seguido de redução na produção. Para além do arrefecimento da atividade, como comentado ao longo do ano de 2025, os números mais recentes apontam para um contexto econômico mais restritivo para o setor, impondo dificuldades adicionais para um novo ciclo de crescimento da produção.

O Gráfico 3.3, abaixo, apresenta a trajetória da manufatura nos trimestres recentes e ajuda a perceber esse movimento.

Gráfico 3.3 – Variação Trimestral (%) da Produção Física da Indústria de Transformação – Ceará – 2024.1 a 2026.2



Fonte: PIM-PF/IBGE. Elaboração própria. Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os resultados mensais de 2026 demonstram esse cenário mais restritivo para a atividade. Após os recuos mais intensos nos meses de janeiro (-7,8%) e fevereiro (-9,4%), a produção industrial seguiu sem registrar uma retomada no desempenho, com taxas próximas a zero para evolução da produção em março (0,2%), abril (-0,4%), maio (-0,8%) e junho (-0,1%), sempre em comparação com iguais meses do ano anterior.

A fim de melhor compreender a dinâmica recente da produção industrial, continua oportuno revisitar a trajetória dos últimos anos.

Ao longo de 2024, como abordado nos informes anteriores, a Indústria de Transformação cearense enfrentou um contexto mais favorável ao seu crescimento. Em 2025, entretanto, os resultados passaram a indicar uma inflexão no desempenho. Os impulsos positivos de 2024 perderam força e a atividade transitou para uma relativa acomodação. Ainda em 2025, a contração da política monetária se acentuou, posicionando a taxa básica de juros em um patamar superior e mais restritivo. Além dos juros, a concorrência externa também aumentou, intensificando as restrições ao longo do ano.

Os movimentos na taxa de juros e nas importações ilustram a mudança no ambiente econômico, o que ajuda a explicar a redução na produção observada ao longo do ano passado e neste início de 2026. Adicionalmente, a dinâmica negativa na maior parte dos segmentos industriais no estado atesta a realidade mais desafiadora.

Os resultados das indústrias estaduais também demonstram essa alteração do ambiente econômico nacional de modo desfavorável ao segmento. De fato, na primeira metade de 2026, dez entre os dezessete estados pesquisados registraram taxas negativas para evolução de suas produções. Entre os resultados positivos, se destacaram Pernambuco (19,7%), Mato Grosso do Sul (6,0%) e Mato Grosso (4,1%). Na outra ponta, com taxas negativas se sobressaíram o Rio Grande do Norte (-14,7%), a Bahia (-5,5%) e o Maranhão (-4,4%). No Ceará, os resultados acumulados no primeiro semestre indicam um recuo de -3,0%, com forte influência das retrações no início do ano, em janeiro e fevereiro. Em termos relativos, o desempenho cearense ficou abaixo do registrado pela indústria nordestina, com alta de 0,2%, e do Brasil, que registrou alta de 0,3%.

Na Tabela 3.6 é possível ver os resultados mensais e o acumulado do ano para os Estados pesquisados, para o país e para a região Nordeste.

Tabela 3.6 - Variação (%) da Produção Física da Indústria de Transformação – Brasil, Nordeste e Estados – abril (abr), maio (mai), junho (jun) e acumulado do ano – 2025 e 2026

Brasil e Estados	Variação Mensal (2025)			Acumulado Ano (2025)	Variação Mensal (2026)			Acumulado Ano (2026)
	Abr	Mai	Jun		Abr	Mai	Jun	
Brasil	**-2,2**	**2,4**	**-2,3**	**0,9**	**1,3**	**-0,4**	**1,0**	**0,3**
Nordeste	**0,1**	**-4,9**	**3,1**	**-2,4**	**-0,3**	**-2,8**	**-1,8**	**0,2**
Pernambuco	-3,8	-3,7	7,7	-10,3	7,6	11,0	6,3	19,7
Mato Grosso do Sul	-15,7	-14,5	-24,3	-10,7	6,5	-0,9	3,8	6,0
Mato Grosso	-0,5	-10,7	-10,9	-2,3	1,4	2,4	5,6	4,1
Rio Grande do Sul	-8,1	27,3	-4,1	2,0	4,3	-1,5	10,2	3,1
Goiás	3,2	1,6	0,0	1,1	7,8	3,6	1,8	2,4
Rio de Janeiro	-6,5	4,0	3,6	-0,7	7,7	2,2	-0,9	0,8
Minas Gerais	0,2	5,6	3,2	2,6	4,2	0,7	-3,3	0,3
Pará	7,9	12,0	7,5	7,9	-4,5	-2,2	-0,8	-0,1
Paraná	-0,6	3,5	-3,0	3,0	0,5	-0,3	2,3	-0,6
São Paulo	-4,4	-0,5	-8,3	-1,7	1,3	-1,6	-1,3	-0,8
Santa Catarina	-0,3	3,4	3,1	4,8	0,9	-1,2	2,0	-1,5
Espírito Santo	-1,6	4,4	0,7	0,5	1,1	-2,9	-3,0	-1,6
Ceará	**-4,8**	**4,5**	**0,2**	**-0,4**	**-0,4**	**-0,8**	**-0,1**	**-3,0**
Amazonas	4,0	2,8	7,2	0,6	-4,4	0,0	-10,9	-4,1
Maranhão	0,0	-2,7	3,6	-1,9	-7,4	-7,5	-6,3	-4,4
Bahia	4,3	-8,4	0,3	1,0	0,0	-7,6	-4,7	-5,5
Rio Grande do Norte	-15,4	-19,0	-26,1	-20,9	-14,9	-8,2	-3,3	-14,7

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração própria. Nota: Variação em relação ao mesmo período do ano anterior. Estados ordenados pelo acumulado do ano de 2026.

Resultados Setoriais

Como comentado, os resultados setoriais ajudam a entender e reforçam a percepção de uma realidade mais restritiva para a produção industrial no estado em 2026.

No segundo trimestre do ano, a maior parte das atividades industriais apresentou resultados negativos para a produção, assim como observado no trimestre anterior. Entre os números negativos, destaque para os segmentos da Confecção (-15,6%) e da fabricação de Têxteis (-14,9%) que têm registrado sucessivos recuos na produção desde 2025. Tais atividades são mais expostas à concorrência externa e o contexto de maior competição ajuda a explicar o desempenho recente.

Entre os resultados positivos, destaque para a Fabricação de Produtos de Metal (31,0%), a Fabricação de Produtos Químicos (18,8%) e a Fabricação de Derivados de Petróleo (13,4%) que têm alcançado crescimento na produção em boa parte dos últimos trimestres desde 2024.

Os números acumulados ao longo do primeiro semestre de 2026 ratificam a leitura anterior. Apenas três segmentos, entre os onzes pesquisados, experimentaram alta da produção no período. As fabricações de Produtos de Metal (24,9%), de Derivados de Petróleo (12,9%) e Produtos Minerais Não-Metálicos (6,4%) foram as únicas a crescer no semestre, em relação ao mesmo período do ano anterior.

Na outra ponta, os segmentos de Máquinas e Aparelhos Elétricos (-17,8%), Produtos Têxteis (-12,0%) e Confecção (-10,6%) registraram os maiores recuos. Ao lado destes, segmentos tradicionais e relevantes como Alimentos, Calçados e Bebidas também mostraram números negativos para evolução da produção, acentuando o quadro restritivo da indústria cearense.

A Tabela 3.7, a seguir, os números são apresentados.

Tabela 3.7 – Variação Trimestral e Acumulada (%) da Produção Física da Indústria de Transformação – Atividades Industriais – Ceará – 2025 e 2026

Setores	Variação Trimestral					Variação Anual	
	2025.2	2025.3	2025.4	2026.1	2026.2	2025	2026
Indústrias de transformação	**0,0**	**0,2**	**-1,2**	**-5,7**	**-0,4**	**-0,4**	**-3,0**
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-3,8	4,0	-0,3	19,1	31,0	-2,3	24,9
Fabricação de produtos químicos	67,9	10,4	-0,5	-17,7	18,8	58,2	-0,6
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-5,7	-8,8	33,3	12,3	13,4	-16,5	12,9
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	1,2	-3,9	0,9	2,9	10,1	2,9	6,4
Fabricação de bebidas	-0,4	-11,1	-14,2	-6,3	4,6	-1,8	-1,1
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-44,8	-31,4	-25,2	-31,2	-0,4	-38,9	-17,8
Fabricação de produtos alimentícios	-2,4	10,9	7,1	-7,8	-1,1	1,7	-4,3
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	5,6	3,8	-4,9	-4,9	-2,4	3,4	-3,7
Metalurgia	27,2	28,6	6,6	-11,1	-5,5	27,5	-8,4
Fabricação de produtos têxteis	-11,7	-10,4	-25,2	-8,9	-14,9	1,1	-12,0
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	0,6	-9,4	-0,4	-4,9	-15,6	-11,0	-10,6

Fonte: PIM-PF (IBGE). Elaboração própria. Nota: Variações trimestral e acumulada em relação aos mesmos períodos do ano anterior. Atividades ordenadas pela variação em 2026.2.

Considerações Finais

O segundo trimestre de 2026 reforçou os efeitos da conjuntura macroeconômica menos favorável sobre a produção da indústria cearense. Assim como nos meses iniciais do ano, a realidade de juros básicos mais elevados, menor potência dos estímulos à demanda e maior concorrência externa mantiveram sua influência negativa sobre a atividade industrial.

Como comentado no informe anterior, o contexto de arrefecimento transitou para um quadro de redução na produção diante de um cenário mais restritivo. Neste, cujos esforços para o crescimento devem ser mais intensos, a manufatura local não tem demonstrado vigor suficiente para recolocar a dinâmica da produção em terreno positivo.

Na primeira metade do ano, o desempenho das atividades industriais, com a maior parcela dos segmentos registrando recuos na produção, incluindo os de maior relevância, reforça este ambiente econômico relativamente mais desfavorável. Caso uma forte reversão deste desempenho não se confirme nos próximos meses, o ano caminha para se encerrar com resultados negativos para a produção da indústria, assim como em 2025, revertendo parte dos ganhos alcançados no ano excepcional de 2024.

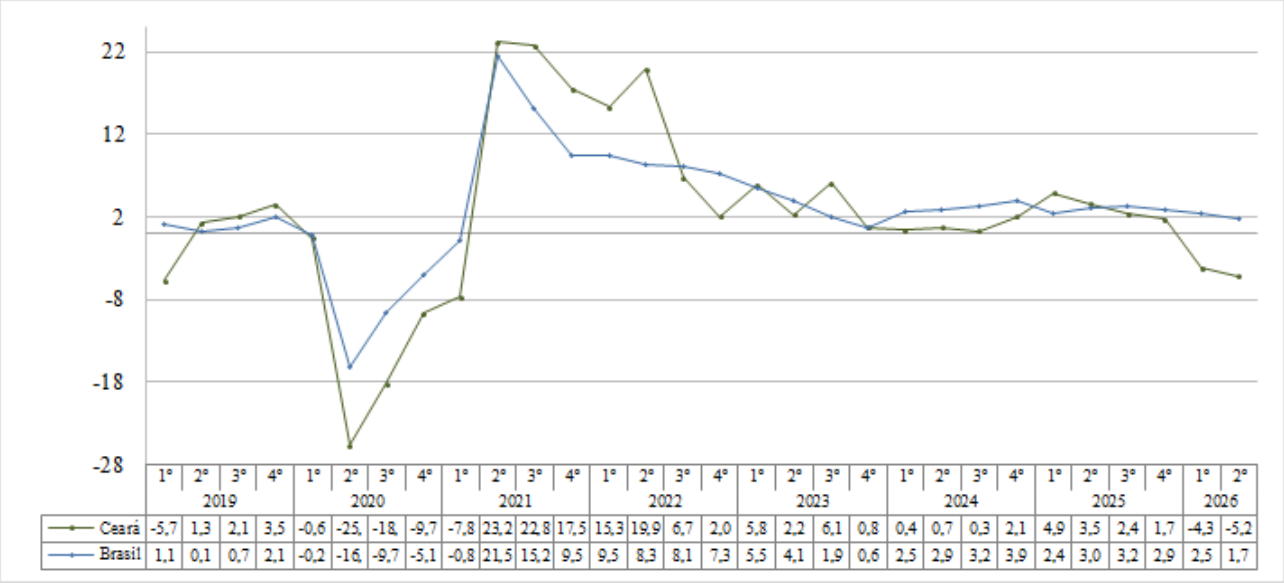
3.4 Serviços

Os serviços empresariais não-financeiros do Ceará, com base na Pesquisa Mensal de Serviços (PMS)[3] do IBGE, mostram que os dados do segundo trimestre de 2026, que após as dezenove altas consecutivas o segmento voltou a apresentar retração, confirmando a tendência de desaceleração da atividade ocorrida no primeiro trimestre do ano.

De forma mais específica, quando se compara o segundo trimestre de 2026 com o mesmo trimestre do ano anterior os serviços recuaram -5,2%, tendo sido inclusive mais intensa que a queda de -4,3% no primeiro trimestre de 2026, utilizando como base de comparação o mesmo trimestre do ano anterior. O Gráfico 3.4, a seguir, apresenta a evolução trimestral do setor a partir do primeiro trimestre de 2019.

[3] A Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) apresenta cinco grandes segmentos, a saber: 1) Serviços Prestados às Famílias; 2) Serviços de Informação e Comunicação; 3) Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares; 4) Transportes, Serviços Auxiliares dos Transportes e Correio; 5) Outros Serviços. Esses segmentos não são iguais aos subsetores daqueles que compõem as estimativas do PIB trimestral o que leva a resultados e interpretações distintas.

Gráfico 3.4 - Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Brasil/Ceará



	1°	2°	3°	4°	1°	2°	3°	4°	1°	2°	3°	4°	1°	2°	3°	4°	1°	2°	3°	4°	1°	2°	3°	4°	1°	2°	3°	4°	1°	2°
	2019				2020				2021				2022				2023				2024				2025				2026	
Ceará	-5,7	1,3	2,1	3,5	-0,6	-25,	-18,	-9,7	-7,8	23,2	22,8	17,5	15,3	19,9	6,7	2,0	5,8	2,2	6,1	0,8	0,4	0,7	0,3	2,1	4,9	3,5	2,4	1,7	-4,3	-5,2
Brasil	1,1	0,1	0,7	2,1	-0,2	-16,	-9,7	-5,1	-0,8	21,5	15,2	9,5	9,5	8,3	8,1	7,3	5,5	4,1	1,9	0,6	2,5	2,9	3,2	3,9	2,4	3,0	3,2	2,9	2,5	1,7

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

Como observado acima, a última vez que a atividade dos serviços havia apresentado recuo foi no primeiro trimestre de 2021, ainda no bojo da crise sanitária que assolou toda a economia mundial a partir do início de 2020. Naquele contexto de pandemia, que se estendeu do primeiro trimestre de 2020 ao primeiro trimestre de 2021, o setor acumulou cinco contrações consecutivas em termos interanuais, refletindo o colapso da demanda por serviços presenciais, o fechamento temporário de estabelecimentos e a forte queda da mobilidade.

Nesse contexto, a retomada que se seguiu partiu, portanto, de uma base extremamente deprimida, o que ajuda a explicar tanto a intensidade quanto a duração do ciclo expansivo observado nos anos seguintes.

O Gráfico 3.4 também permite observar que a partir do segundo trimestre de 2021 o setor cresceu de forma ininterrupta até o quarto trimestre de 2025, totalizando dezenove altas consecutivas.

Por sua vez, ao longo dos três primeiros trimestres do ano de 2024 os serviços empresariais não-financeiros do Estado do Ceará esboçaram sinais de arrefecimento, chegando a apresentar taxas de crescimento interanuais abaixo de um dígito, em linha com a desaceleração gradual da economia brasileira. No entanto, no quarto trimestre de 2024 bem como em 2025 o setor voltou a crescer de forma consistente e robusta. Para o ano de 2025, em particular, o crescimento se deu a taxas decrescentes com variações de, respectivamente, 4,9%, 3,5%, 2,4% e 1,7%. Essa trajetória descendente já antecipava a perda de fôlego da atividade, que culminaria na reversão observada a partir de 2026.

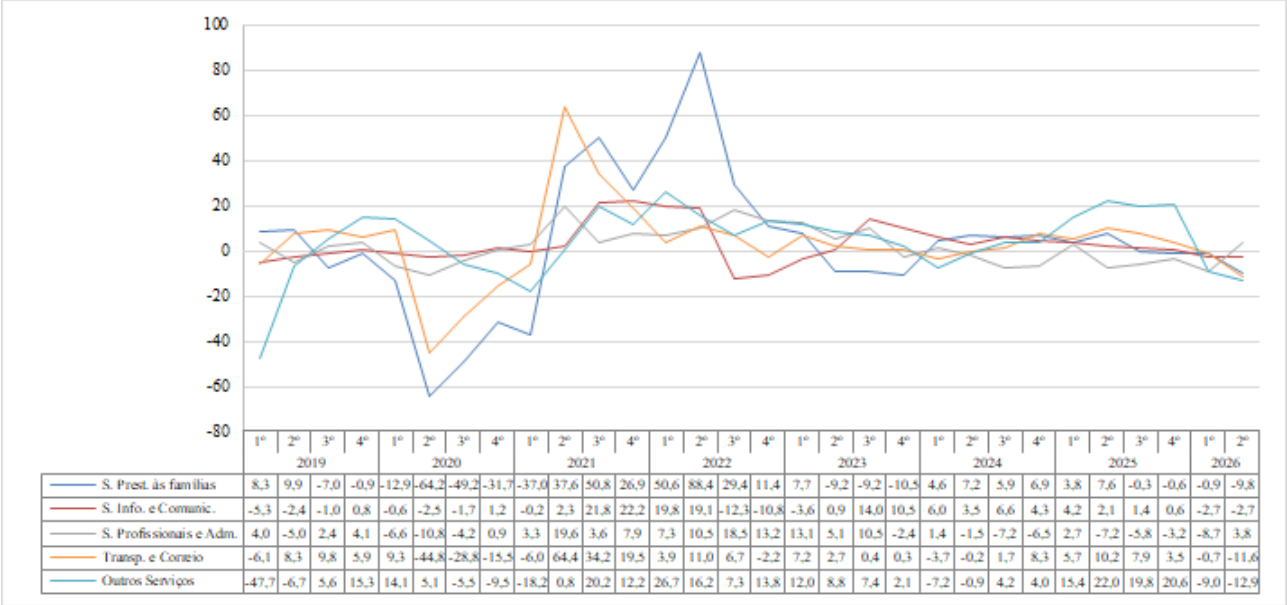
Nesse contexto, a queda de -4,3% no primeiro trimestre de 2026 e sua intensificação para -5,3% no segundo refletem a desaceleração econômica que já vinha se materializando desde o ano anterior, em um cenário em que a economia brasileira operava próxima do pleno emprego. A combinação de um mercado de trabalho ainda aquecido com taxa de desocupação nas mínimas históricas aliado a juros básicos em patamares elevados criou um ambiente de compressão do consumo de serviços, sobretudo daqueles segmentos mais sensíveis ao crédito e à renda disponível. A intensidade da queda cearense, superior à observada na média nacional, reforça a maior sensibilidade da estrutura produtiva local às condições de financiamento e ao poder de compra das famílias.

Adicionalmente, a retração dos serviços empresariais não-financeiros cearenses ocorre em um contexto de política monetária restritiva conduzida pelo Banco Central, que mantém a taxa básica de juros (Selic) em patamares elevados. O encarecimento do crédito tem impactado diretamente o poder de compra das famílias e o custo de financiamento das empresas, resultando no arrefecimento da atividade de serviços. Embora a inflação ao consumidor tenha desacelerado na medida em que o IPCA acumulado em doze meses situou-se em torno de 4,2% até agosto de 2026, as projeções de mercado para o ano ainda superam o teto da meta, o que mantém o Banco Central em posição cautelosa quanto à flexibilização monetária. Ao mesmo tempo, os dados da PNAD Contínua revelam um mercado de trabalho ainda robusto, com rendimento médio real em nível recorde, o que, em princípio, sustentaria a demanda; contudo, o efeito-renda tende a ser sobrepujado pelo efeito-juros, amplificando o impacto contracionista sobre um setor cuja dinâmica de crescimento é altamente elástica e dependente tanto da expansão do emprego quanto do acesso ao crédito.

De forma desagregada, o Gráfico 3.5 apresenta a evolução da série histórica trimestral a partir do primeiro trimestre de 2019 dos cinco segmentos que compõem o setor de serviços empresariais não-financeiros da Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) do Ceará.

A retração de -5,2% no segundo trimestre de 2026 nos serviços empresariais não-financeiros do Estado do Ceará refletiu-se em quatro dos cinco segmentos que compõem PMS revelando que apenas os serviços profissionais, administrativos e complementares fizeram um caminho inverso ao crescer quase 4% nesse período.

Gráfico 3.5 - Variação Trimestral (%) da Pesquisa Mensal de Serviços – Ceará – Atividades



	1° 2019	2° 2019	3° 2019	4° 2019	1° 2020	2° 2020	3° 2020	4° 2020	1° 2021	2° 2021	3° 2021	4° 2021	1° 2022	2° 2022	3° 2022	4° 2022	1° 2023	2° 2023	3° 2023	4° 2023	1° 2024	2° 2024	3° 2024	4° 2024	1° 2025	2° 2025	3° 2025	4° 2025	1° 2026	2° 2026
S. Prest. às famílias	8,3	9,9	-7,0	-0,9	-12,9	-64,2	-49,2	-31,7	-37,0	37,6	50,8	26,9	50,6	88,4	29,4	11,4	7,7	-9,2	-9,2	-10,5	4,6	7,2	5,9	6,9	3,8	7,6	-0,3	-0,6	-0,9	-9,8
S. Info. e Comunic.	-5,3	-2,4	-1,0	0,8	-0,6	-2,5	-1,7	1,2	-0,2	2,3	21,8	22,2	19,8	19,1	-12,3	-10,8	-3,6	0,9	14,0	10,5	6,0	3,5	6,6	4,3	4,2	2,1	1,4	0,6	-2,7	-2,7
S. Profissionais e Adm.	4,0	-5,0	2,4	4,1	-6,6	-10,8	-4,2	0,9	3,3	19,6	3,6	7,9	7,3	10,5	18,5	13,2	13,1	5,1	10,5	-2,4	1,4	-1,5	-7,2	-6,5	2,7	-7,2	-5,8	-3,2	-8,7	3,8
Transp. e Correio	-6,1	8,3	9,8	5,9	9,3	-44,8	-28,8	-15,5	-6,0	64,4	34,2	19,5	3,9	11,0	6,7	-2,2	7,2	2,7	0,4	0,3	-3,7	-0,2	1,7	8,3	5,7	10,2	7,9	3,5	-0,7	-11,6
Outros Serviços	-47,7	-6,7	5,6	15,3	14,1	5,1	-5,5	-9,5	-18,2	0,8	20,2	12,2	26,7	16,2	7,3	13,8	12,0	8,8	7,4	2,1	-7,2	-0,9	4,2	4,0	15,4	22,0	19,8	20,6	-9,0	-12,9

Fonte: PMS/IBGE. Elaboração: IPECE.

O resultado deste recuo do setor agregado foi resultado de três fortes contrações, a saber: outros serviços, transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio e serviços prestados às famílias tendo esses dois primeiros apresentados queda acima de 10%.

Desde o fim do período pandêmico, a atividade dos outros serviços vinha se destacando como um dos principais motores da expansão do setor de serviços cearense. Com exceção dos dois primeiros trimestres de 2024, quando apresentou desempenho negativo, sua performance era robusta, tendo acumulado, do terceiro trimestre de 2024 ao quarto trimestre de 2025, seis altas consecutivas, com destaque para os quatro trimestres de 2025, quando as taxas superaram 15%. Cabe lembra que foi exatamente nesse mesmo período que o agregado também havia voltado a crescer revelando, portanto, alta aderência entre o segmento e a atividade como um todo.

Nesse segundo trimestre de 2026, contudo, os outros serviços lideraram a reversão ao recuar quase -13%, a maior entre as atividades. A magnitude da contração é reveladora porque o segmento havia se convertido, ao longo de 2025, no principal vetor de crescimento da PMS estadual, e sua retração elimina justamente o componente que vinha compensando o arrefecimento dos demais. A queda não parece um ajuste pontual, mas uma mudança no padrão de demanda por serviços menos essenciais, os mais sensíveis ao encarecimento do crédito e à compressão da renda real das famílias.

Diante disso, é importante reforçar novamente que a trajetória dos outros serviços mantém estreita correlação com a do agregado estadual. Os dois primeiros trimestres de 2024, quando o segmento recuou, coincidiram com desempenho fraco da atividade total da PMS; ao longo de 2025, período em que o segmento cresceu acima de 15% em cada trimestre, o agregado também sustentou desempenho

positivo. Essa sincronia evidencia a centralidade do segmento na determinação do ritmo do setor. Por isso, a interrupção do ciclo de seis altas consecutivas retirou da economia cearense um de seus principais impulsos de crescimento, amplificando o efeito contracionista sobre o resultado agregado.

Outro segmento que contribuiu decisivamente para o recuo do segundo trimestre de 2026 foi o de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio, que, após seis altas consecutivas a partir do terceiro trimestre de 2024 ao quarto trimestre de 2025 apresentou contração nos dois primeiros trimestres de 2026. O comportamento contrasta com o período em que registrou taxas superiores a 5%, quando a atividade da PMS cearense crescia de forma sustentável. A magnitude da queda é especialmente relevante porque o segmento tem no seu dinamismo peça-chave para sustentar o crescimento dos serviços empresariais não-financeiros no Ceará, dado o impacto direto sobre a cadeia produtiva e sua capilaridade em outras áreas da economia. Ao se contrair quase 12%, os transportes transmitem o choque da cadeia produtiva, amplificando o efeito contracionista sobre a atividade econômica estadual como um todo.

O recuo do segmento dos serviços prestados às famílias aprofunda a desaceleração cíclica do setor. Esses serviços têm relação direta com o consumo das famílias e, por isso, refletem com rapidez o arrefecimento da economia, pois incluem atividades que impulsionam o consumo direto e geram efeito multiplicador ao estimular a demanda por produtos e serviços adicionais em áreas como transporte, hotelaria e eventos.

Neste segundo trimestre de 2026, o segmento recuou quase -10%, aprofundando a queda de pouco menos de 1% no primeiro trimestre e sucedendo um quadro já desfavorável nos dois últimos trimestres de 2025 (quedas leves de -0,33% e -0,63%). Isso evidencia que os efeitos restritivos da política monetária e a perda de fôlego do mercado de trabalho vêm se transmitindo de forma persistente no poder de compra das famílias.

O segmento de informação e comunicação, que ao lado dos outros serviços vinha garantindo sustentabilidade ao crescimento da PMS, também contribuiu para o recuo agregado neste segundo trimestre de 2026. A desaceleração já se desenhava desde o terceiro trimestre de 2023, ainda que o segmento tenha completado um longo ciclo de altas até o quarto trimestre de 2025, embora com taxas decrescentes.

Particularmente neste segundo trimestre de 2026 o setor recuou 2,7%, mantendo praticamente o mesmo patamar de queda do primeiro trimestre. Trata-se de um segmento robusto na estrutura econômica atual, pois reúne telecomunicações e tecnologia da informação, abrangendo entretenimento digital e desenvolvimento de softwares e novas tecnologias. Sua retração é significativa porque sinaliza que a desaceleração não se restringe aos serviços tradicionais, mais

sensíveis ao consumo imediato, alcançando também atividades intensivas em tecnologia e de maior valor agregado com indício de arrefecimento mais generalizado da demanda empresarial.

No que se refere aos serviços profissionais, administrativos e complementares, o segundo trimestre de 2026 trouxe comportamento distinto. No primeiro trimestre do ano, esse foi o segmento de maior recuo, com queda de quase 9%, a quarta contração consecutiva em bases interanuais. Já neste segundo trimestre de 2026 foi o único a fazer caminho inverso, crescendo 3,8%.

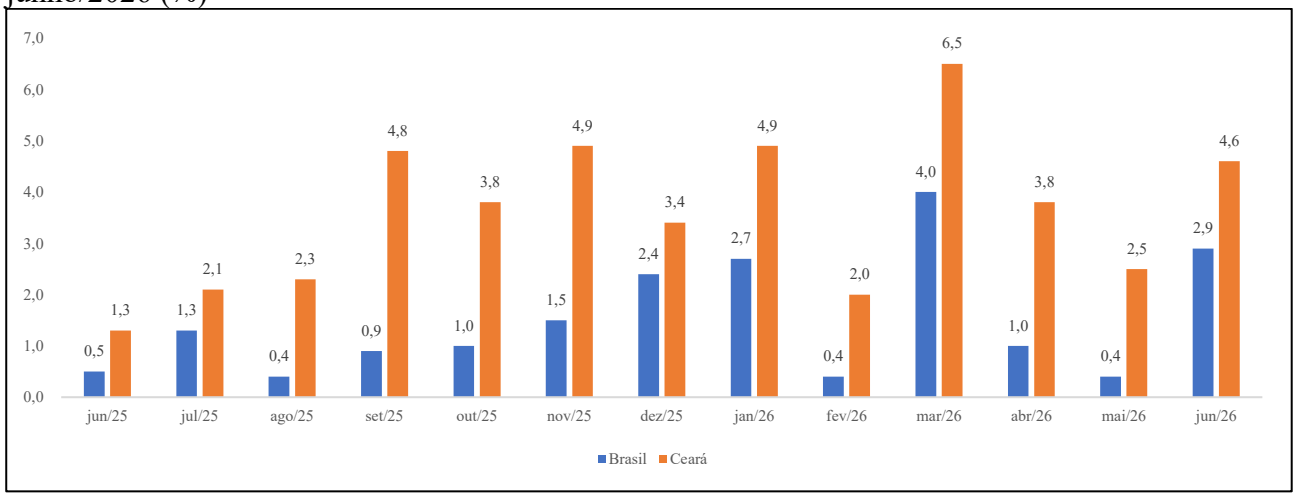
No entanto, a recuperação é parcial e não de reversão consistente, pois desde o final de 2023 o segmento vinha perdendo dinamismo, com raros períodos de expansão, como o primeiro trimestre de 2025. A natureza cíclica do segmento na medida em que é atrelado à demanda das empresas por serviços de apoio à gestão faz de seu desempenho um termômetro da confiança e do investimento do setor produtivo. Finalmente, o fato de ter sido o único em alta no 2º trimestre sugere que o ajuste mais severo desse segmento se concentrou no início do ano.

Evolução das Vendas Mensais do Varejo Comum e Ampliado

O objetivo da presente seção é apresentar a variação mensal, trimestral e anual das vendas do varejo comum e ampliado cearense fazendo uma análise comparativa com o Brasil, finalizando com uma análise do desempenho das vendas por atividades econômicas do varejo cearense e nacional.

A partir dos dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é possível observar que as vendas do varejo comum cearense registraram, em junho de 2026, forte crescimento de 4,6% comparado a junho de 2025. Já o varejo comum nacional apresentou um crescimento menor de 2,9% na mesma comparação. Com este desempenho o varejo comum cearense registrou a quinquagésima terceira alta mensal consecutiva desde fevereiro de 2022, revelando uma trajetória mensal persistente de crescimento nas vendas do varejo comum estadual (Gráfico 3.6).

Gráfico 3.6 – Variação mensal das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – junho/2025 a junho/2026 (%)

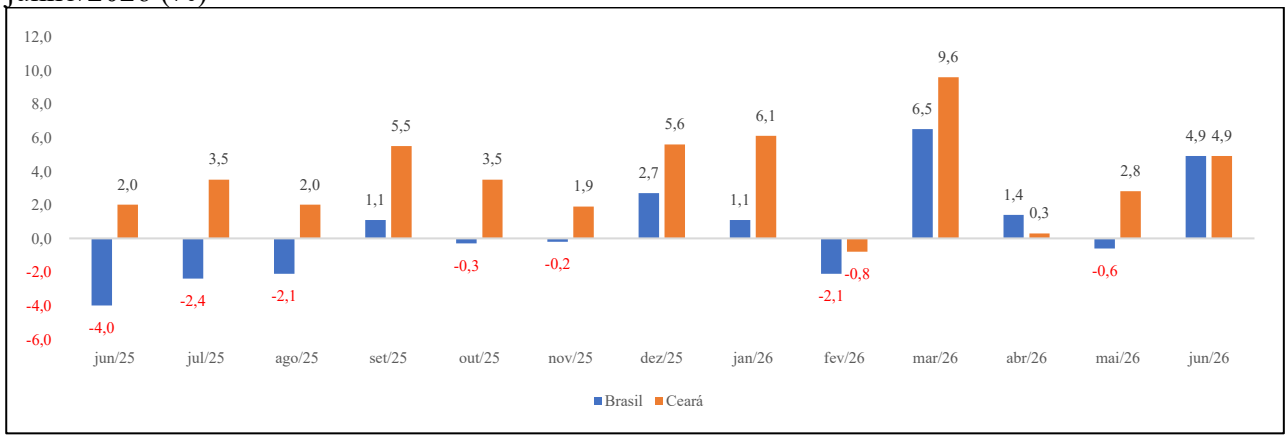


Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

A partir da análise do Gráfico 3.7 é possível observar que as vendas do varejo ampliado cearense registraram um crescimento superior quando comparado ao crescimento do varejo comum estadual, ao obter uma alta de 4,9% em junho de 2026 comparado a igual mês de 2025. Com este desempenho o varejo ampliado cearense registrou a trigésima sétima variação mensal positiva desde maio de 2023. Por sua vez, o varejo ampliado nacional registrou uma alta mensal de 4,9% na mesma comparação.

O desempenho positivo nas vendas do varejo ampliado cearense no mês de junho de 2026 deveu-se principalmente ao crescimento nas vendas de Eletrodomésticos (+31,8%); Livros, jornais, revistas e papelaria (+25,7%); Móveis e eletrodomésticos (+18,9%); Veículos, motocicletas, partes e peças (+9,6%); e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (+7,7%).

Gráfico 3.7 – Variação mensal das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – junho/2025 a junho/2026 (%)



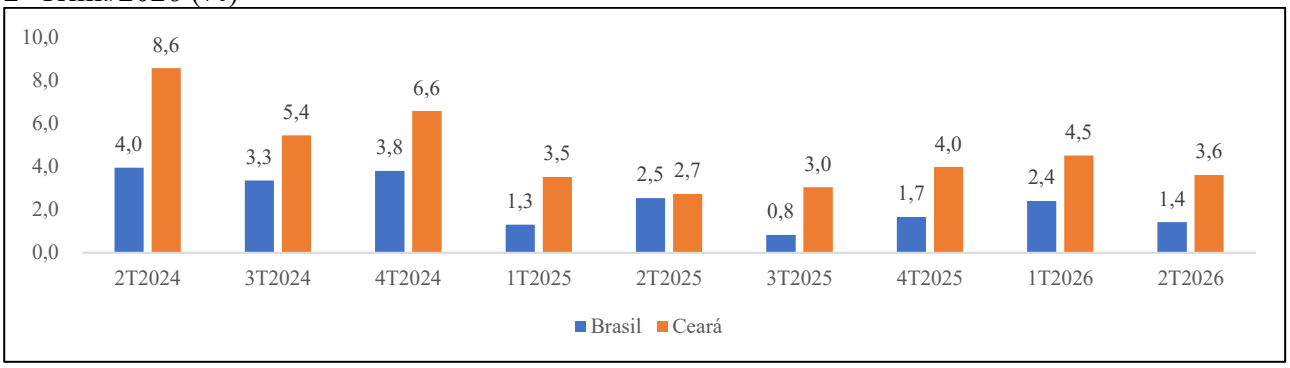
Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

As atividades de combustíveis e lubrificantes (+6,7%); atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo (+6,0%); hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (+3,4%); tecidos, vestuário e calçados (+2,8%); móveis (+0,6%); equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+0,5%); e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (+0,3%) também registraram variações positivas nas vendas do mês de junho de 2026, todas comparadas a igual mês do ano anterior. Apenas as vendas de material de construção (-2,9%); e hipermercados e supermercados (-0,2%) apresentaram queda em relação a junho de 2025.

Evolução das Vendas Trimestrais do Varejo Comum e Ampliado

Como resultado da dinâmica das vendas mensais, o varejo comum cearense registrou uma alta de 3,6% no segundo trimestre de 2026, superior ao crescimento registrado no segundo trimestre de 2025 de 2,7% revelando certa aceleração nas vendas trimestrais do varejo comum cearense na comparação anual.

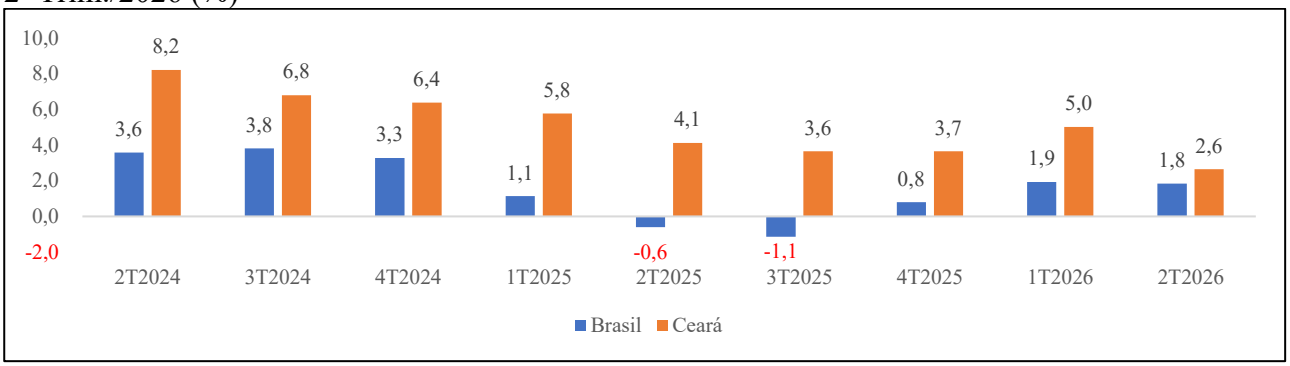
Gráfico 3.8 – Variação trimestral das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – 2º Trim./2024 ao 2º Trim./2026 (%)



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Pela análise do gráfico 3.9 é possível notar que o varejo ampliado cearense também registrou uma alta de 2,6% no segundo trimestre de 2026, dessa vez inferior ao crescimento de 4,1% registrado no segundo trimestre de 2025, revelando, assim, uma aceleração nas vendas trimestrais na comparação anual quando se compara as vendas ampliadas, fato explicado pela piora nas vendas de materiais de construção no período mais recente.

Gráfico 3.9 – Variação trimestral das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – 2º Trim./2024 ao 2º Trim./2026 (%)

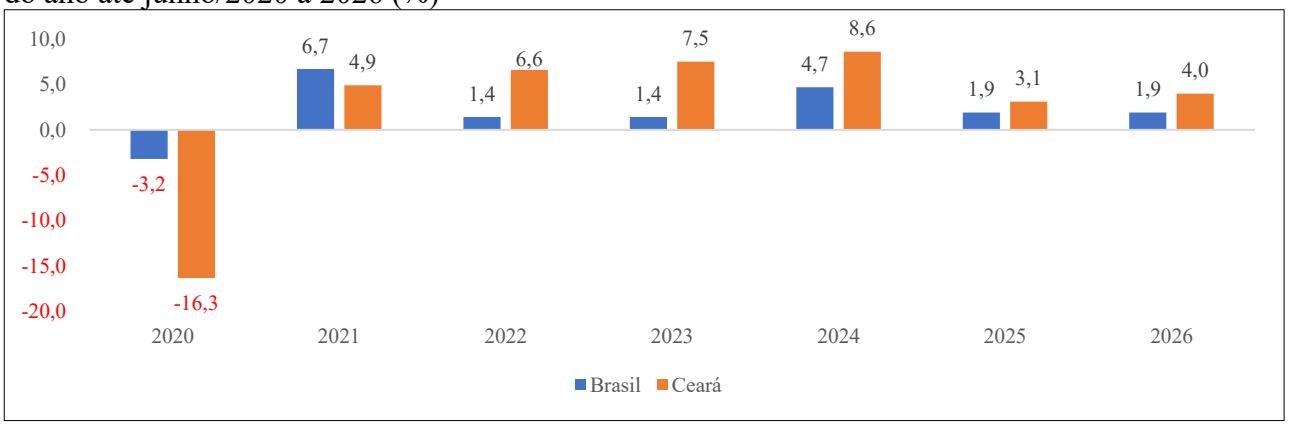


Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Evolução das Vendas Anuais do Varejo Comum e Ampliado

A partir da análise do Gráfico 3.10 é possível comparar o desempenho do varejo comum cearense e nacional no acumulado do ano até junho nos últimos sete anos. Nota-se que o desempenho observado no acumulado de janeiro a junho de 2026 de 4,0% foi superior ao registrado em igual período do ano passado, mas ficou bem abaixo do registrado nos anos de 2023 e 2024, revelando uma tendência de desaceleração no ritmo de crescimento das vendas do varejo comum cearense no médio prazo. Fato semelhante vem acontecendo também com as vendas do varejo comum nacional que registrou um crescimento anual igual a 2025, mas inferior ao registrado em 2024.

Gráfico 3.10 – Evolução da variação anual das vendas do varejo comum – Brasil e Ceará – acumulado do ano até junho/2020 a 2026 (%)

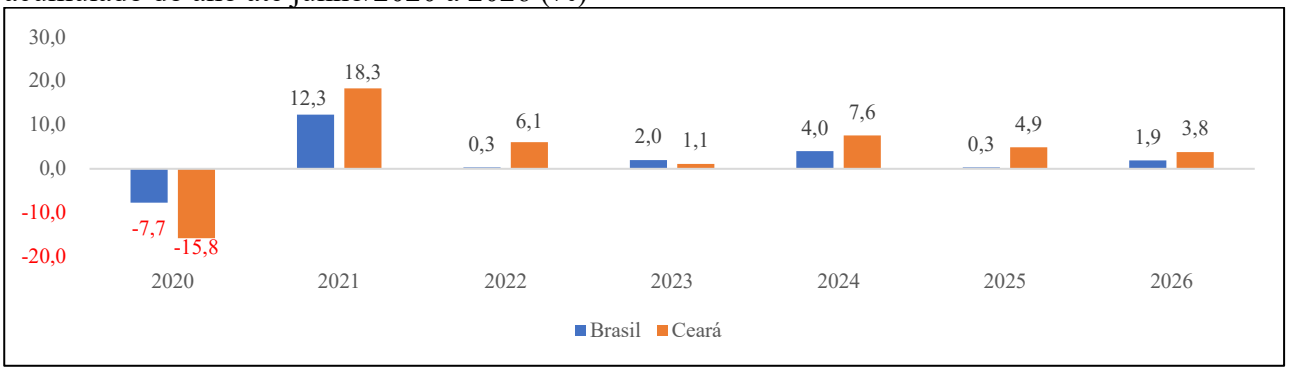


Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Na sequência, com base na análise do Gráfico 3.11 é possível comparar o desempenho das vendas cearense e nacional também para o varejo ampliado no acumulado do ano até junho nos últimos sete anos. Nota-se que o varejo acumulado cearense apresentou crescimento de 3,8% no acumulado até junho de 2026, inferior ao crescimento observado nos anos de 2024 e 2025 reforçando a ideia de

desaceleração no crescimento das vendas estaduais também para o varejo ampliado. Apesar disso, as vendas do varejo ampliado cearense registraram uma alta bem acima do varejo ampliado nacional que apresentou crescimento de apenas 1,9% no acumulado até junho de 2026 comparado a igual período de 2025.

Gráfico 3.11 – Evolução da variação anual das vendas do varejo ampliado – Brasil e Ceará – acumulado do ano até junho/2020 a 2026 (%)



Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Evolução das Vendas do Varejo no Contexto Nacional

Pela análise da Tabela 3.8 é possível conhecer a dinâmica da variação anual do volume de vendas por estados do comércio varejista comum no acumulado de janeiro a junho dos anos de 2020 a 2026.

Tabela 3.8 – Evolução da variação anual das vendas do varejo comum – Brasil e Estados – acumulado do ano até junho/2020 a 2026 (%)

Estados	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026
Pernambuco	-7,8	12,8	-5,0	1,4	4,1	2,3	10,7
Distrito Federal	-8,8	-1,5	2,9	-0,6	4,3	4,3	7,4
Tocantins	2,5	-10,4	-0,4	13,5	8,0	-0,6	7,2
Acre	-7,5	15,3	2,4	6,7	6,7	2,2	6,3
Rio Grande do Norte	-8,7	5,6	0,0	-0,7	5,4	2,0	4,5
Santa Catarina	2,0	3,8	1,4	3,0	3,7	6,4	4,5
Ceará	-16,3	4,9	6,6	7,5	8,6	3,1	4,0
Paraná	-0,5	1,5	0,4	0,7	3,5	2,5	3,9
Bahia	-11,3	10,6	-4,0	3,7	8,7	1,2	3,5
Paraíba	-1,8	4,1	-0,2	8,8	9,4	6,2	2,6
Mato Grosso do Sul	0,4	7,1	7,0	3,9	7,8	-0,3	2,6
Goiás	-6,2	4,4	0,2	0,0	4,7	1,1	2,5
Rondônia	-15,0	20,8	3,9	-1,4	3,7	3,4	2,4
Sergipe	-10,1	4,0	-1,6	3,8	4,5	0,7	2,1
Maranhão	-3,0	9,7	1,2	10,3	7,9	1,0	2,0
Amapá	-17,0	33,4	-0,5	6,0	20,0	7,8	1,9
Rio de Janeiro	-2,9	6,1	-2,2	-1,4	1,7	-2,1	1,9
Roraima	-4,6	13,2	11,8	7,7	3,3	-2,4	1,8
Alagoas	-10,2	6,1	7,0	5,9	5,2	4,6	1,3
Rio Grande do Sul	-4,4	3,4	8,5	1,2	7,0	4,2	1,2
Mato Grosso	2,9	-1,2	7,6	4,9	4,3	3,0	1,1
Minas Gerais	-2,2	9,8	1,6	2,5	4,7	2,1	1,0
Espírito Santo	-1,5	10,4	8,7	2,8	-0,1	4,4	1,0
São Paulo	-2,2	7,5	0,5	-0,2	4,4	1,2	0,0
Piauí	-4,7	22,3	3,3	-0,1	5,4	3,6	-0,4
Amazonas	-0,7	7,4	4,3	3,7	4,7	2,0	-0,7
Pará	-0,1	17,2	7,1	0,3	5,1	1,0	-1,6
Brasil	**-3,2**	**6,7**	**1,4**	**1,4**	**4,7**	**1,9**	**1,9**

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota-se que vinte e três dos vinte e sete estados registraram crescimento nas vendas do varejo comum no acumulado de janeiro a junho de 2026. Os maiores crescimentos foram registrados nos estados do Pernambuco (+10,7%); Distrito Federal (+7,4%); e Tocantins (+7,2%). O estado do Ceará ocupou a sétima colocação nacional e terceira posição regional com variação de 4,0% no período, tendo sido superado na região Nordeste apenas pelos estados de Pernambuco (+10,7%) e Rio Grande do Norte (+4,5%).

Já pela análise da Tabela 3.9 é possível conhecer a dinâmica da variação anual do volume de vendas por estados do comércio varejista ampliado também para o acumulado de janeiro a junho dos anos de 2020 a 2026.

Tabela 3.9 – Evolução da variação anual das vendas do varejo ampliado – Brasil e Estados – acumulado do ano até junho/2020 a 2026 (%)

Estados	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026
Pernambuco	-11,3	28,4	-5,3	-2,1	7,2	1,8	9,6
Tocantins	2,7	6,6	5,3	8,4	1,7	2,9	8,8
Goiás	-7,1	14,8	4,8	-1,3	11,3	-4,4	7,1
Distrito Federal	-10,6	4,9	-2,6	1,6	8,2	1,1	7,1
Acre	-9,8	19,5	-0,9	5,7	3,3	1,2	6,6
Espírito Santo	-4,2	23,3	1,6	8,8	0,4	3,0	5,8
Mato Grosso do Sul	-2,0	15,0	6,7	-6,7	-0,6	0,3	5,4
Mato Grosso	-2,9	10,1	5,2	5,4	-0,9	3,2	5,3
Bahia	-14,9	16,6	-3,1	-0,1	7,7	-2,0	5,2
Roraima	-2,9	19,4	8,6	0,3	-0,8	0,6	5,0
Santa Catarina	-2,6	14,1	5,3	1,8	7,0	4,1	4,7
Minas Gerais	-3,5	12,8	1,4	2,1	1,2	0,2	4,5
Amapá	-14,6	33,8	-3,0	2,7	17,6	7,4	4,4
Rondônia	-10,2	27,0	1,7	-0,6	3,0	1,7	4,2
Maranhão	-7,2	17,6	-0,9	8,6	12,4	-3,6	4,2
Ceará	-15,8	18,3	6,1	1,1	7,6	4,9	3,8
Rio de Janeiro	-8,5	9,4	-1,9	1,0	1,6	-1,7	3,6
Paraná	-3,7	8,0	-2,8	-0,6	4,1	1,8	2,9
Rio Grande do Norte	-11,0	10,5	-0,4	1,7	5,7	1,8	2,8
Paraíba	-6,4	13,8	-2,2	8,9	9,2	6,1	2,4
Rio Grande do Sul	-9,0	7,8	3,5	0,5	6,0	4,5	1,9
Amazonas	-4,0	11,6	2,3	2,2	7,4	2,7	1,8
Pará	-2,0	21,0	4,7	1,7	0,2	2,7	1,4
Alagoas	-9,6	14,1	4,5	4,7	5,5	1,2	1,1
Sergipe	-12,5	17,4	3,7	-0,6	5,7	-0,3	1,1
Piauí	-13,6	28,4	2,7	2,7	4,6	3,0	-0,6
São Paulo	-9,3	10,4	-1,5	3,3	2,7	-2,1	-3,5
Brasil	**-7,7**	**12,3**	**0,3**	**2,0**	**4,0**	**0,3**	**1,9**

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE.

Nota-se aqui que vinte e cinco dos vinte e sete estados registraram crescimento nas vendas do varejo ampliado no acumulado de janeiro a junho de 2026. Os maiores crescimentos foram registrados nos estados do Pernambuco (+9,6%); Tocantins (+8,8%); e Goiás (+7,1%). O estado do Ceará ocupou a décima sexta colocação nacional e quarta posição dentro da região Nordeste com variação de 3,8% no período, tendo sido superado na região Nordeste apenas pelos estados de Pernambuco (+9,6%); Bahia (+5,2%); e Maranhão (+4,2%).

Evolução das Vendas do Varejo por Atividades

Pela análise da Tabela 3.10 é possível conhecer a dinâmica da variação trimestral do volume de vendas por atividades econômicas do comércio varejista nacional e cearense entre o segundo trimestre de 2025 e o segundo trimestre de 2026.

Nota-se que, no segundo trimestre de 2026, um total de nove das catorze atividades econômicas do varejo cearense registrou variações positivas e cinco variações negativas na comparação com igual período do ano passado, mantendo-se o mesmo padrão observado no mesmo período de 2025. As atividades cearenses que registraram os maiores crescimentos nas vendas do acumulado de janeiro a junho de 2026, foram: Eletrodomésticos (+22,1%); Móveis e eletrodomésticos (+13,0%); Livros, jornais, revistas e papelaria (+10,7%); e Veículos, motocicletas, partes e peças (+7,7%).

Tabela 3.10 - Variação trimestral do volume de vendas do comércio varejista por atividades - Brasil e Ceará – 2º Trim./2025 ao 2º Trim./2026 (%)

Atividades	Brasil					Ceará				
	2T2025	3T2025	4T2025	1T2026	2T2026	2T2025	3T2025	4T2025	1T2026	2T2026
Eletrodomésticos	4,9	8,2	9,2	6,5	5,8	-1,5	1,8	5,5	6,9	22,1
Móveis e eletrodomésticos	2,4	4,4	5,7	3,6	4,0	-5,3	1,7	1,2	3,1	13,0
Livros, jornais, revistas e papelaria	-0,5	1,1	1,3	-0,9	12,1	-19,6	-5,6	0,0	-3,1	10,7
Veículos, motocicletas, partes e peças	-6,1	-6,5	-3,0	0,4	5,3	4,6	6,4	5,7	8,1	7,7
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	4,2	2,1	2,1	2,8	-0,3	10,9	4,3	6,2	11,5	4,9
Combustíveis e lubrificantes	-0,8	1,0	0,7	2,5	1,8	2,3	8,4	12,4	6,3	4,4
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,5	-0,2	0,5	1,8	0,9	0,7	0,3	1,6	3,0	2,9
Tecidos, vestuário e calçados	6,8	-0,8	-2,8	-0,4	-0,1	7,3	3,9	2,7	0,6	2,5
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	3,4	4,0	6,9	4,9	4,3	8,9	11,4	9,0	8,9	1,2
Móveis	-5,6	-6,3	-3,8	-4,1	-0,7	-8,1	3,7	-2,6	-1,1	-0,2
Hipermercados e supermercados	3,0	0,0	0,6	1,8	0,9	1,8	0,8	0,1	0,4	-0,3
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-6,1	-0,5	3,9	3,5	0,3	9,5	8,4	8,3	12,7	-0,3
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,1	-0,2	16,1	9,6	1,5	-12,0	-24,9	-11,6	-12,8	-0,5
Material de construção	-0,5	-3,1	-2,4	-1,0	-0,5	3,9	-4,2	-8,8	-9,2	-7,5

Fonte: PMC-IBGE. Elaboração: IPECE. Ordenado pelo estado do Ceará.

Por outro lado, as vendas de Material de construção (-7,5%); Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (-0,5%); Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,3%); Hipermercados e supermercados (-0,3%); e Móveis (-0,2%) registraram queda na comparação do mesmo período.

Considerações Finais

A análise acima permite concluir que o varejo cearense vem apresentando resultados bastante favoráveis ao longo do segundo trimestre do ano de 2026 ao registrar em junho alta de 4,6% no varejo comum e alta de 4,9% no varejo ampliado.

Como resultado, no acumulado do segundo trimestre de 2026, o varejo comum cearense registrou alta de 3,6% e o nacional alta de 1,4%, ao passo que o varejo ampliado cearense registrou alta de 2,6% e o nacional alta de 1,8%, ambos comparados com igual período do ano passado. Por sua vez, no acumulado até junho de 2026 o varejo comum cearense registrou alta de 4,0% e o varejo nacional alta de 1,9%, ao passo que o varejo ampliado cearense apresentou alta de 3,8% e o varejo nacional alta de 1,9% também na comparação com o ano de 2025.

Por fim, nota-se que das quatorze atividades monitoradas, nove apresentaram alta no acumulado do segundo trimestre de 2026 comparado a 2025 cujos principais destaques nas vendas do varejo cearense nesse período foram: eletrodomésticos; móveis e eletrodomésticos; livros, jornais, revistas e papelaria; e veículos, motocicletas, partes e peças.

4 Mercado de Trabalho

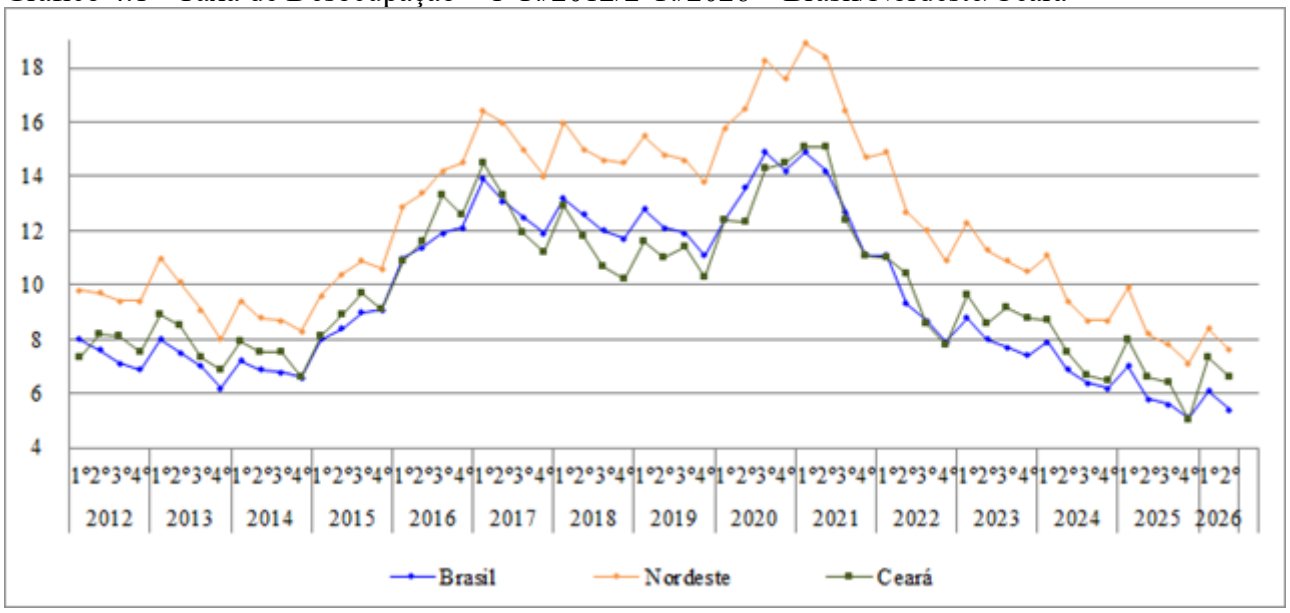
4.1 Panorama Geral - Ceará

O Gráfico 4.1 abaixo apresenta a taxa de desocupação do Brasil, do Nordeste e do Estado Ceará com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua).

A taxa de desocupação nesse segundo trimestre de 2026 do Estado do Ceará voltou a recuar quando comparada ao primeiro trimestre do referente ano alcançando 6,6%, um recuo de 0,7 ponto percentual. Quando comparada ao mesmo trimestre do ano anterior, o desemprego cearense manteve-se estável.

Esse percentual de 6,6% se aproxima novamente da mínima histórica que a taxa de desocupação cearense atingiu nos três últimos trimestres do ano de 2025, período no qual havia recuado por três trimestres consecutivos. A queda do desemprego quando comparada ao primeiro trimestre é um movimento que combina fatores sazonais e conjunturais do mercado de trabalho.

Gráfico 4.1 - Taxa de Desocupação – 1ºT./2012/2ºT./2026 – Brasil/Nordeste/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: Termômetro do Mercado de Trabalho – IPECE.

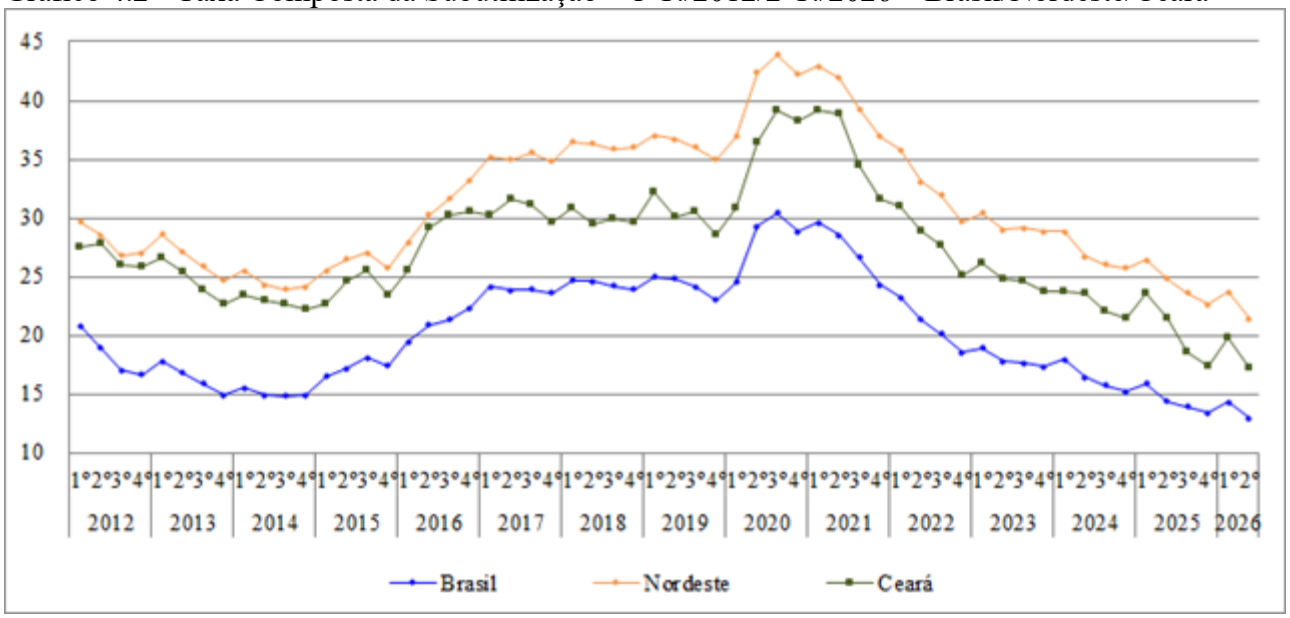
Ao observar por completo a série histórica convém destacar que é recorrente no primeiro trimestre do ano a concentração de patamares mais elevados de desemprego devido à resolução de contratos temporários e sazonais vinculados ao final do ano anterior, especialmente nas áreas de comércio, serviços e agroindústria, além de esse período coincidir com uma desaceleração natural da atividade econômica nos meses de verão. Por sua vez, no segundo trimestre ocorre uma reabsorção desses

trabalhadores à medida que empresas retomam projetos, a produção industrial acelera e setores como a construção civil e a agricultura intensificam a contratação em função do ciclo produtivo.

A conjuntura atual também revela um mercado de trabalho aquecido e resiliente, no qual a expansão de oportunidades tem absorvido contingentes de pessoas que antes enfrentavam maior dificuldade de inserção, reduzindo, assim, o número de pessoas em busca de ocupação e, consequentemente, a própria taxa de desocupação.

O bom desempenho do mercado de trabalho cearense em termos de desemprego abaixo da média histórica pode ser analisado não somente pela taxa de desocupação, mas também pela *taxa composta de subutilização da força de trabalho*, uma medida mais ampla do desemprego conforme o Gráfico 4.2 abaixo.

Gráfico 4.2 - Taxa Composta da Subutilização – 1ºT./2012/2ºT./2026 – Brasil/Nordeste/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: Termômetro do Mercado de Trabalho – IPECE.

Para a *taxa composta de subutilização da força de trabalho* do mercado do trabalho cearense, destaca-se que ela voltou a atingir uma mínima histórica ao ficar no patamar de 17,2%, inferior, portanto, ao alcançado no quarto trimestre de 2025, quando atingiu 17,4%, tendo, assim, recuado tanto em relação ao mesmo trimestre do ano anterior como também em relação ao segundo trimestre de 2025.

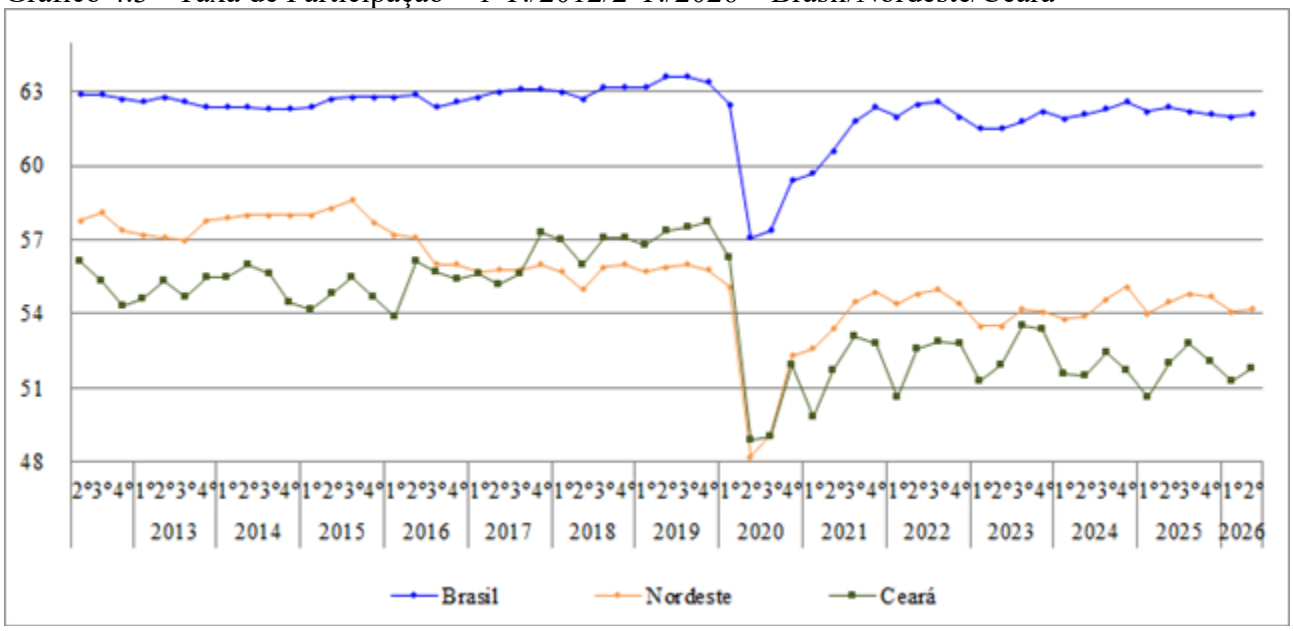
O recuo da *taxa composta* envolve a reversão simultânea dos seus três componentes. Assim como no desemprego, à medida que a atividade econômica se reaquece parte das pessoas desocupadas é absorvida, o que faz reduzir esse componente comum a ambos os indicadores. Paralelamente, trabalhadores que estavam subocupados por insuficiência de horas passam a ter jornadas ampliadas por conta que as empresas aumentam a escala de produção e formalizam contratos de tempo integral,

comprimindo também esse componente. Por fim, em um ambiente de expansão de vagas, as pessoas são empregadas rapidamente, e como o ritmo de absorção supera o de reentrada, o resultado líquido é uma redução da taxa composta dado que mais pessoas saíram do indicador do que entraram nele. Em outros termos, a velocidade com que o mercado emprega pessoas é maior do que a velocidade com que novas pessoas ingressam no indicador.

Finalmente, o Gráfico 4.3 a seguir apresenta a taxa de participação (TP) do Estado do Ceará. A taxa de participação (TP) cearense elevou-se nesse segundo trimestre de 2026 com relação ao trimestre imediatamente anterior e recuou levemente com relação ao mesmo trimestre do ano anterior alcançando o percentual de 51,8%.

Em uma perspectiva estrutural, tem-se destacado que a taxa de participação da economia cearense sofreu uma quebra no bojo da crise sanitária que atingiu a economia mundial a partir do segundo trimestre de 2020.

Gráfico 4.3 - Taxa de Participação – 1ºT./2012/2ºT./2026 – Brasil/Nordeste/Ceará



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: Termômetro do Mercado de Trabalho – IPECE.

Três fatores podem explicar essa mudança da taxa de participação. Primeiramente, o envelhecimento populacional de acordo com as projeções do IBGE pode contribuir para a queda da taxa de participação considerando que uma maior parcela de adultos mais velhos apresenta menor propensão a trabalhar.

Além disso, o efeito renda das transferências governamentais ao elevar a renda das famílias mais pobres pode reduzir a pressão financeira retirando membros secundários do domicílio (especialmente mulheres) do mercado de trabalho.

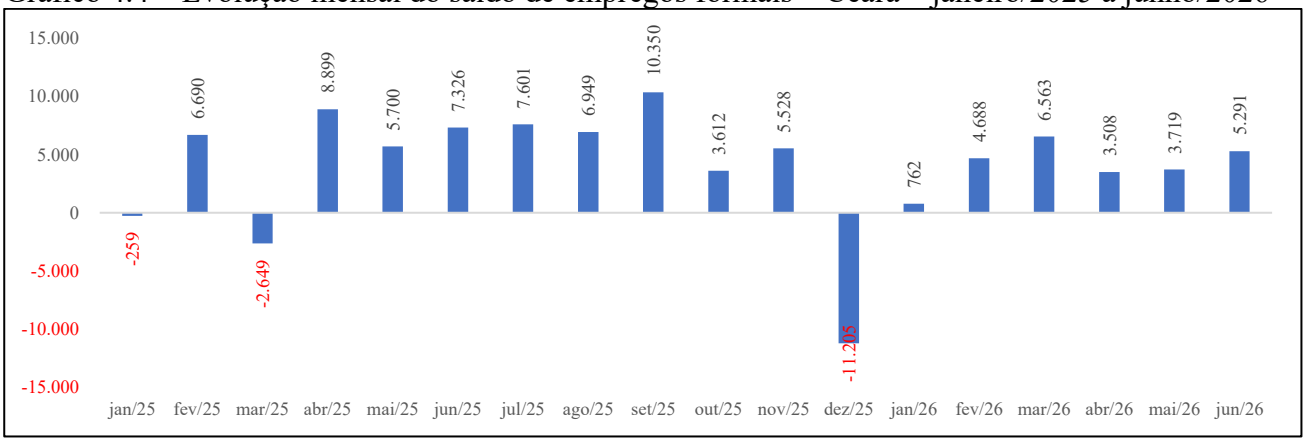
Finalmente, parte das pessoas que saíram da força de trabalho durante a pandemia simplesmente podem não ter retornado à busca efetiva por ocupação, permanecendo na força de trabalho potencial ou totalmente fora do mercado, mesmo quando o desemprego caiu a patamares mínimos.

4.2 Dinâmica dos Empregos Formais

O objetivo da presente seção é apresentar a dinâmica mensal, trimestral e do acumulado do ano do saldo de empregos gerados no mercado de trabalho formal cearense no ano de 2026, fazendo uma análise comparativa ao longo do ano e com alguns resultados observados em períodos anteriores.

A partir dos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) é possível observar que o mercado de trabalho formal cearense registrou saldo positivo nos seis primeiros meses do ano de 2026, finalizando junho com um saldo de 5.291 vagas (Gráfico 4.4).

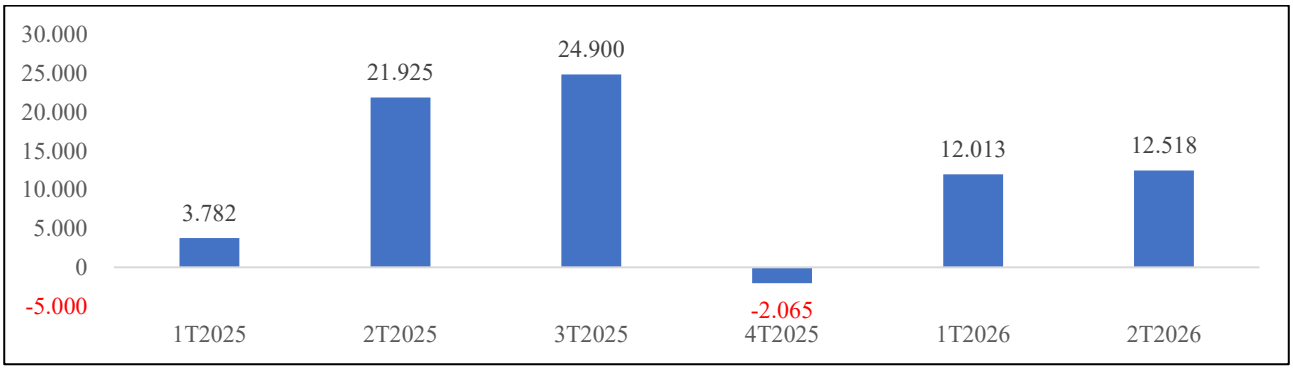
Gráfico 4.4 – Evolução mensal do saldo de empregos formais – Ceará – janeiro/2025 a junho/2026



Fonte: Novo Caged/MTE. Elaboração: IPECE. Data da Coleta: 04/08/2026.

Como resultado da dinâmica mensal de geração de empregos com carteira assinada, nota-se que o estado do Ceará registrou uma criação de vagas de trabalho com carteira assinada de 12.013 vagas no acumulado do primeiro trimestre de 2026, aumentando esse montante para 12.518 vagas no acumulado do segundo trimestre do mesmo ano, revelando uma aceleração no ritmo de criação de vagas no mercado de trabalho formal cearense dentro do presente ano (Gráfico 4.5).

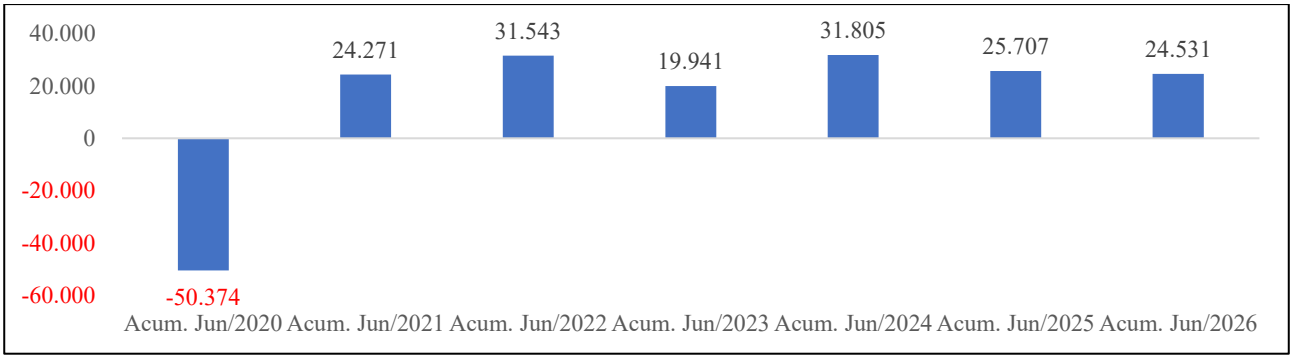
Gráfico 4.5 – Evolução trimestral do saldo de empregos formais – Ceará – 1º Trim./2025 ao 2º Trim./2026



Fonte: Novo Caged/MTE. Elaboração: IPECE. Data da Coleta: 04/08/2026.

Ao analisar o Gráfico 4.6 é possível perceber que o saldo de empregos formais com carteira assinada gerados no acumulado do ano até junho de 2026 foi de 24.531 vagas, ficando abaixo do registrado no acumulado do período dos anos de 2024 (+31.805 vagas) e 2025 (+25.707 vagas), revelando uma certa desaceleração da geração de empregos formais na comparação dos últimos três anos.

Gráfico 4.6 – Evolução trimestral do saldo de empregos formais – Ceará – Acumulado até junho/2020 e 2026



Fonte: Novo Caged/MTE. Elaboração: IPECE. Data da Coleta: 04/08/2026.

Saldo de Empregos Formais no Contexto Nacional

Após analisar a dinâmica geral da geração de empregos formais cearense faz-se necessário conhecer quantos empregos foram gerados no país e, também, saber quais foram as regiões e os estados que mais geraram vagas de trabalho formal no período mais recente.

Nota-se que o Brasil gerou um saldo acumulado de 306.816 vagas de trabalho com carteira assinada no acumulado do segundo trimestre de 2026, bem abaixo do saldo acumulado no primeiro trimestre do mesmo ano de 614.829 vagas, revelando uma desaceleração na geração de vagas em âmbito

nacional. A região Sudeste liderou o processo de criação de vagas no segundo trimestre de 2026 com 158.349 vagas, seguida pela região Nordeste (+79.682 vagas); Centro-Oeste (+32.865 vagas); Norte (+23.069 vagas) e Sul (+10.777 vagas).

Na análise por estados, São Paulo liderou a geração de empregos com carteira assinada no segundo trimestre de 2026 com um total de 71.031 vagas, seguido por Minas Gerais (+39.251 vagas) e Rio de Janeiro (+36.829 vagas). O estado do Ceará registrou no acumulado segundo trimestre de 2026 um total de 12.518 vagas tendo ocupado a sétima colocação nacional e a terceira posição dentro da região Nordeste, abaixo dos estados da Bahia (+25.842 vagas) e Pernambuco (+15.951 vagas).

Tabela 4.1 – Evolução trimestral do saldo de empregos formais por estados – 1º Trim./2025 ao 2º Trim./2026

Região e UF	1T2025	2T2025	3T2025	4T2025	1T2026	2T2026
Norte	**32.365**	**38.436**	**40.610**	**-19.826**	**23.285**	**23.069**
Rondônia	4.802	3.355	3.988	-1.545	2.326	715
Acre	797	3.279	1.973	-750	774	2.901
Amazonas	7.079	7.946	7.771	-1.523	5.944	6.433
Roraima	1.456	1.420	385	-555	1.193	745
Pará	10.089	16.197	20.977	-11.144	7.667	9.821
Amapá	1.895	2.979	2.810	421	1.754	2.651
Tocantins	6.247	3.260	2.706	-4.730	3.627	-197
Nordeste	**38.999**	**130.202**	**171.436**	**7.698**	**52.865**	**79.682**
Maranhão	7.461	13.893	11.112	341	6.848	8.474
Piauí	4.459	8.912	8.373	-1.218	5.531	6.169
Ceará	3.782	21.925	24.900	-2.065	12.013	12.518
Rio Grande do Norte	426	6.318	11.720	-2.811	516	200
Paraíba	-489	9.956	17.291	4.347	63	6.540
Pernambuco	2.852	23.195	36.288	9.970	5.460	15.951
Alagoas	-11.620	3.592	20.708	4.782	-9.809	1.594
Sergipe	-850	7.348	8.431	649	2.491	2.394
Bahia	32.978	35.063	32.613	-6.297	29.752	25.842
Sudeste	**310.127**	**267.023**	**194.979**	**-273.448**	**286.014**	**158.349**
Minas Gerais	76.554	72.633	16.679	-87.262	69.726	39.251
Espírito Santo	8.471	12.212	2.431	-9.407	12.939	11.238
Rio de Janeiro	13.567	46.382	39.041	1.874	21.822	36.829
São Paulo	211.535	135.796	136.828	-178.653	181.527	71.031
Sul	**194.331**	**56.495**	**45.252**	**-111.668**	**162.932**	**10.777**
Paraná	62.153	32.803	27.103	-41.904	56.477	13.161
Santa Catarina	64.907	15.305	15.355	-36.611	59.609	3.560
Rio Grande do Sul	67.271	8.387	2.794	-33.153	46.846	-5.944
Centro-Oeste	**99.701**	**61.208**	**48.271**	**-60.951**	**89.549**	**32.865**
Mato Grosso do Sul	13.030	10.866	7.203	-11.603	13.994	4.537
Mato Grosso	26.493	15.823	16.144	-26.835	22.023	9.812
Goiás	41.780	22.722	15.864	-34.995	37.574	6.742
Distrito Federal	18.398	11.797	9.060	12.482	15.958	11.774
Não identificado	296	89	-71	-6	184	2.074
Brasil	**675.819**	**553.453**	**500.477**	**-458.201**	**614.829**	**306.816**

Fonte: Novo Caged/MTE. Elaboração: IPECE. Data da Coleta: 04/08/2026.

Saldo de Empregos Formais por Atividades Econômicas

Após analisar a dinâmica geral da geração de empregos formais no contexto nacional é necessário conhecer quais atividades econômicas mais criaram e quais mais destruíram vagas no mercado de trabalho formal cearense no acumulado do segundo trimestre.

A tabela 4.2 abaixo apresenta a evolução trimestral do saldo de empregos das grandes atividades econômicas no mercado de trabalho formal cearense do primeiro trimestre de 2025 ao segundo trimestre de 2026, possibilitando uma análise das principais mudanças ocorridas no período.

O setor de serviços liderou a geração de vagas no acumulado do segundo trimestre de 2026, com um total de 9.340 vagas. Destaca-se dentro do setor de serviços a geração de empregos nas atividades de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (+3.707 vagas); administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais (+2.084 vagas); e comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas (+1.703 vagas).

Tabela 4.2 – Evolução trimestral do saldo de empregos formais por atividades – Ceará – 1º Trim./2025 ao 2º Trim./2026

Grande Grupamento	1T2025	2T2025	3T2025	4T2025	1T2026	2T2026
Agropecuária	**-422**	**429**	**2.366**	**-322**	**-1.056**	**72**
Indústria	**3.580**	**7.744**	**11.193**	**-7.290**	**3.933**	**3.106**
Água, Esgoto, Atividades de Gestão de Resíduos e Descontaminação	1.339	657	301	316	-368	106
Eletricidade e Gás	-35	168	342	200	122	173
Indústrias de Transformação	1.101	1.233	4.365	-4.699	1.737	-730
Indústrias Extrativas	92	136	180	81	132	31
Construção	1.083	5.550	6.005	-3.188	2.310	3.526
Serviços	**624**	**13.752**	**11.341**	**5.547**	**9.136**	**9.340**
Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas	-2.402	3.453	3.225	5.099	-3.061	1.703
Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais	4.546	2.208	3.356	-444	5.632	2.084
Alojamento e alimentação	-295	1.241	930	856	-324	535
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	-2.499	6.499	2.497	1.623	4.783	3.707
Outros serviços	1.793	434	1.149	-1.681	2.702	903
Serviços domésticos	-9	-1	-3	2	0	1
Transporte, armazenagem e correio	-510	-82	187	79	-598	407
Não identificado	0	0	0	13	2	0
Ceará	**3.782**	**21.925**	**24.900**	**-2.065**	**12.013**	**12.518**

Fonte: Novo Caged/MTE. Elaboração: IPECE. Data da Coleta: 04/08/2026.

O setor da indústria (Tabela acima) ficou na segunda colocação com 3.106 vagas criadas no acumulado do segundo trimestre de 2026. Destaca-se na indústria as atividades de construção (+3.526 vagas), seguida por eletricidade e gás (+173 vagas) e água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação (+106 vagas). Por fim, a agropecuária também registrou saldo positivo no período tendo gerado 72 vagas.

Considerações Finais

A análise dos dados acima permite concluir que o mercado de trabalho formal cearense vem apresentando um ritmo positivo e de aceleração no processo de geração de vagas de trabalho formal com carteira assinada ao longo dos seis primeiros meses de 2026 finalizando o mês de junho com um saldo positivo de 5.291 vagas, o segundo trimestre com um saldo positivo de 12.518 vagas e o acumulado do ano até junho com saldo positivo de 24.531 vagas.

O setor de serviços novamente liderou a geração de vagas de trabalho no segundo trimestre de 2026, revelando que a economia cearense é concentrada especialmente nesta atividade. Os principais destaques dentro dos serviços foram as atividades de informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas; a administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais; e a atividade de comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas.

Por sua vez, o setor da indústria ocupou a segunda colocação no total de vagas criadas no mesmo período destacando-se as atividades de construção e eletricidade e gás. Por fim, a agropecuária seguiu comportamento semelhante tendo também gerado saldo positivo de vagas contribuindo o resultado geral do estado.

Em suma, apesar do bom desempenho observado no último trimestre, o mercado de trabalho formal cearense mostra sinais de desaceleração no ritmo de criação de vagas de trabalho quando comparado aos anos anteriores, fato esse também observado no cenário nacional.

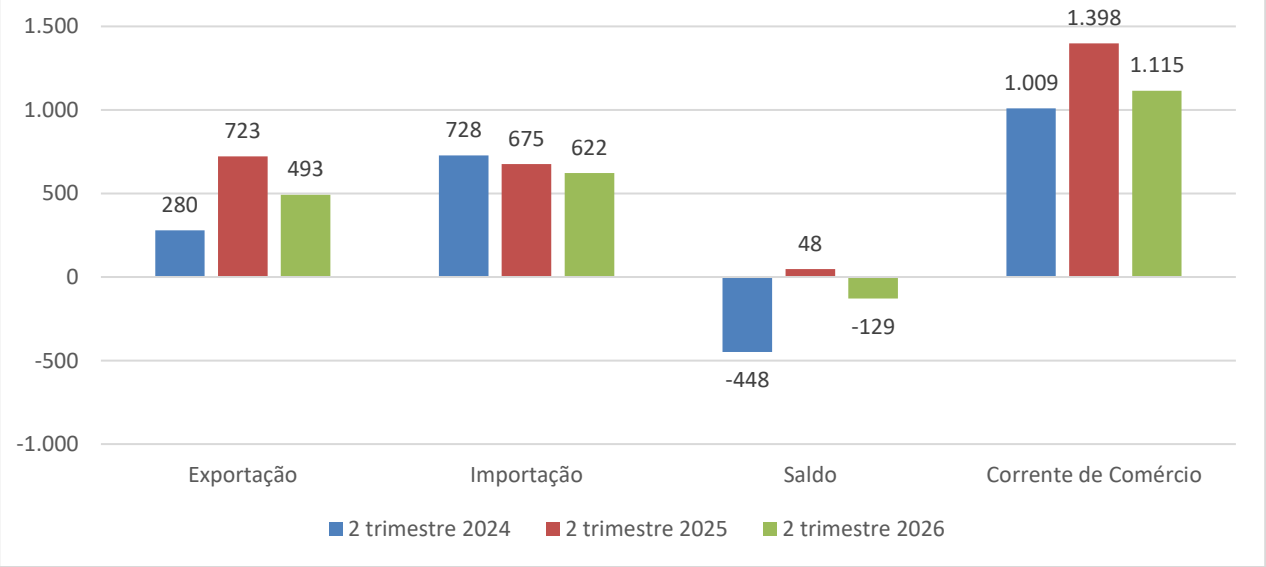
5 Comércio Exterior

No segundo trimestre de 2026, as exportações cearenses voltaram a apresentar queda, registrando o valor de US$ 493 milhões, quantia abaixo do observado para o mesmo período de 2025, mas acima do valor de 2024. Esta desaceleração atual do valor das exportações cearenses é explicada principalmente pelas tarifas elevadas impostas pelos Estados Unidos a diversos produtos brasileiros, dentre esses estão os semifaturados de aço, calçados, granito e pedras trabalhadas e algumas frutas não isentas que são produtos de alta relevância na pauta das exportações cearenses para os Estados Unidos, tendo como consequência reduções nas vendas para esse país, conforme mostrado mais adiante.

Quanto as importações cearenses, estas somaram US$ 622 milhões, valor próximo ao registrado no segundo trimestre de 2025 e abaixo do valor de 2024.

Diante do desempenho das exportações e importações, o saldo da balança comercial cearense no segundo trimestre de 2026 foi US$ 129 milhões negativo. A corrente de comércio somou o montante de US$ 1.115 milhões, valor abaixo do obtido no segundo trimestre de 2025, porém acima do verificado em 2024 (Gráfico 5.1).

Gráfico 5.1 - Balança Comercial do Ceará (milhão US$ FOB) – 2º trimestre - 2024-2026



Fonte: COMEXSTAT. MDIC. Elaboração: IPECE.

No acumulado de janeiro a junho de 2026, as exportações cearenses somaram US$ 1.045 milhões, enquanto que as importações registraram o valor de US$ 1.318 milhões, com quedas de 2,44% e 5,08%, respectivamente, ambas comparadas com o mesmo período de 2025. O saldo da balança comercial cearense foi deficitária no primeiro semestre do ano, na ordem de US$ 272,5 milhões, e a corrente de comércio atingiu o montante de US$ 2.364 milhões.

Para o Brasil, no acumulado do primeiro semestre de 2026, a balança comercial apresentou superávit de aproximadamente US$ 42 bilhões. O resultado vem das exportações somando US$ 184,4 bilhões e importações de US$ 142,6 bilhões, crescimento de 11,3% e 5,1%, respectivamente, ambas comparadas com o primeiro semestre de 2025.

As exportações cearenses participaram com 0,57% do total exportado pelo Brasil no primeiro semestre de 2026, registrando perda de participação 0,08 pontos percentuais quando comparado com o primeiro semestre de 2025, mantendo-se na 17º posição dentre as unidades da federação. Pelo lado das importações, o Ceará participou com 0,93% do total importado pelo país, participação um pouco menor do que o registrado no mesmo período de 2025 (1,02%), ocupando o 16º lugar no ranking nacional. Em nível regional, no primeiro semestre de 2026, o Ceará ficou em 4º lugar tanto nas exportações como nas importações do Nordeste.

5.1 Exportações

As exportações cearenses de *Ferro fundido*, *ferro e aço* registraram queda de 54,9% no segundo trimestre de 2026, comparado com igual período do ano anterior, explicado, em sua maior parte, pela redução das vendas para os Estados Unidos, que representou 83% da queda do valor exportado pelo ceará de *Ferro fundido*, *ferro e aço*. Mesmo com redução de mais da metade do valor exportado, o grupo Ferro fundido, ferro e aço ainda ocupa o primeiro lugar da pauta eportadora do Ceará, com participação 41,9% do total exportado pelo estado, vale ressaltar que para esse mesmo período de 2025, a participação foi de 63,4%.

Já as exportações de *Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento* vêm em ascensão, passando a ocupar o segundo lugar da pauta cearense. O valor exportado desse segmento foi de US$ 36,8 milhões no segundo trimestre de 2026, com crescimento 81% quando comparado com o mesmo período de 2025. Dentro desse grupo, destacam-se as vendas externas de *Quartzitos em blocos ou placas de forma quadrada ou retangular.*

As exportações de *calçados* continuam em queda, com redução de -16,2% no segundo trimestre de 2026, comparado com o mesmo período de 2025. Também registraram queda do valor exportado nesse mesmo período os grupos *Gordura e óleo animais e vegetais (Cera vegetal)* (-17,5%); *Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões* (-26,4%), puxado principalmente pela queda de -42,7% das exportações de castanha de caju. O grupo P*reparações de produtos hortícolas, de frutas* também registrou queda do valor exportado (-10,5%) no período em análise.

Quanto aos crescimentos, além do grupo *Sal e enxofre* já citado, destacam-se também *Alumínio e suas obras* que registrou aumento mais de dois mil por cento no segundo trimestre de 2026, comparado com igual período, atingindo a quantia de US$ 15,9 milhões; o grupo *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, e suas partes e acessórios* obteve crescimento de 635% do valor exportado; e *Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação,* aumento de 15,03% (Tabela 5.1).

Tabela 5.1 - Principais produtos exportados – 2° trimestre – Ceará - 2025-2026

Código SH2	Principais produtos/setores	2º trim. 2025		2° trim. 2026		Var % 2026/2025
		US$ (FOB)	Part %	US$ (FOB)	Part %	
72	Ferro fundido, ferro e aço	458.425.199	63,41	206.652.940	41,93	-54,92
25	Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento	20.327.381	2,81	36.793.463	7,47	81,00
64	Calçados, polainas e artefatos semelhantes; suas partes	41.566.466	5,75	34.831.667	7,07	-16,20
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais	34.437.733	4,76	28.407.274	5,76	-17,51
08	Frutas; cascas de frutos cítricos e de melões	36.929.474	5,11	27.183.725	5,52	-26,39
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais	21.186.179	2,93	24.370.854	4,95	15,03
03	Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	17.203.541	2,38	18.008.096	3,65	4,68
20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas	18.634.315	2,58	16.684.890	3,39	-10,46
76	Alumínio e suas obras	657.822	0,09	15.858.508	3,22	2310,76
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, e suas partes e acessórios	1.624.665	0,22	11.941.782	2,42	635,03
-	Demais produtos	71.997.895	9,96	72.066.353	14,62	0,10
	Ceará	**722.990.670**	**100,00**	**492.799.552**	**100,00**	**-31,84**

Fonte: COMEXSTAT. MDIC. Elaboração: IPECE.

As exportações cearenses para os Estados Unidos reduziram -73,3% no segundo trimestre de 2026, comparado com igual período de 2025, porém o país estadunidense continua sendo o principal destino das exportações cearenses, participando com 22,6% da pauta total exportada pelo estado no segundo trimestre de 2026. Os efeitos das tarifas elevadas impostas pelo governo americano indica ter refletido

fortemente nas vendas externas ao país com redução de -73,3%, puxado principalmente pela diminuição das vendas de *Produtos semimanufaturados, de outras ligas de aços* (-85,0%), *Ceras vegetais* (-30,5%), *Castanha de caju* (49,1%), *Peixes congelados* (-13,9%), estando esses quatro produtos entre os dez mais exportados para os Estados Unidos.

A Espanha foi o segundo maior destino das exportações do Ceará no segundo trimestre de 2026, com participação de 9,9%, o valor exportado nesse período foi de aproximadamente US$ 49 milhões, significando um elevado crescimento. Os principais produtos exportados para a Espanha foram: *Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; Magnesita calcinada.*

O México aparece como o terceiro maior destino das exportações cearenses, com valor de US$ 47,5 milhões, registrando crescimento de 141%. Para esse país foram vendidos principalmente *Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado*. A Polônia foi o quarto maior destino das exportações cearenses, seguida pela Colômbia, com participações de 7,8% e 6,8%, respectivamente. Para esses dois países foram enviados principalmente *Produtos semimanufaturados de ferro ou aço não ligado; pedras de cantaria, etc, trabalhadas de outro modo e obra; Outros recipientes tubulares, de alumínio, de capacidade não superior a 300 litros ; Calçados de borracha ou plásticos.*

Tabela 5.3 - Principais Destinos das Exportações do Ceará - 2º trimestre 2025-2026

Principais Países	2º trim. 2025		2º trim. 2026		Var (%)
	US$ (FOB)	Part %	US$ (FOB)	Part %	2026/2025
Estados Unidos	416.847.125	57,66	111.368.408	22,60	-73,28
Espanha	5.289.025	0,73	48.874.736	9,92	824,08
México	19.706.397	2,73	47.502.088	9,64	141,05
Polônia	20.033.916	2,77	38.569.195	7,83	92,52
Colômbia	12.316.800	1,70	33.522.436	6,80	172,17
Demais países	248.797.407	34,41	212.962.689	43,21	-14,40
Ceará	**722.990.670**	**100,00**	**492.799.552**	**100,00**	**-31,84**

Fonte: COMEXSTAT. MDIC. Elaboração: IPECE.

5.2 Importações

A pauta das importações cearenses no segundo trimestre de 2026, continuou sendo liderada pelas vendas de *Combustíveis minerais e seus derivados,* com valor de US$ 171,2 milhões, significando crescimento de 21,2%, comparado ao segundo trimestre de 2025, com participação de 27,5% do total importado pelo estado. O grupo *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* foi o segundo mais importado, com valor de US$ 64,7 milhões e participação de 10,4%, porém esse grupo registrou leve queda de -1,2% do valor importado.

Em terceiro lugar da pauta estão *Cereais,* com valor de US$ 58,3 milhões, com crescimento de 6,35% do valor importado, comparado a igual período de 2025.

Dentre os dez principais grupos importados no segundo trimestre de 2026, cinco paresentaram crescimento. Além dos dois grupos já citados anteriormente, foram eles: *Gorduras e óleos animais ou vegetais* (61,0%)*, Plásticos e suas obras* (3,1%) e *Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres* (76,8%).

Tabela 5.4 - Principais produtos importados pelo Ceará - 2º trimestre 2025-2026

Código SH2	Principais produtos/setores	2º trim. 2025		2º trim. 2026		Var (%) 2026/2025
		US$ (FOB)	Part %	US$ (FOB)	Part %	
27	Combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação; matérias betuminosas; ceras minerais	141.276.025	20,92	171.194.134	27,52	21,18
85	Máquinas, aparelhos e materiais elétricos; aparelhos de gravação ou de reprodução de som, e suas partes e acessórios	65.442.984	9,69	64.665.239	10,40	-1,19
10	Cereais	54.836.484	8,12	58.318.974	9,38	6,35
72	Ferro fundido, ferro e aço	100.530.259	14,89	55.557.346	8,93	-44,74
15	Gorduras e óleos animais ou vegetais; produtos da sua dissociação; gorduras alimentares elaboradas; ceras de origem animal ou vegetal	24.955.846	3,70	40.181.726	6,46	61,01
29	Produtos químicos orgânicos	96.839.008	14,34	37.310.779	6,00	-61,47
84	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes	46.284.262	6,85	35.184.844	5,66	-23,98
31	Adubos (fertilizantes)	18.476.316	2,74	15.887.434	2,55	-14,01
39	Plásticos e suas obras	15.010.648	2,22	15.479.427	2,49	3,12
87	Veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios	7.057.541	1,05	12.477.652	2,01	76,80
	Demais Produtos	104.509.491	15,48	115.802.855	18,62	10,81
Ceará		**675.218.864**	**100,00**	**622.060.410**	**100,00**	**-7,87**

Fonte: COMEXSTAT. MDIC. Elaboração: IPECE.

O Ceará, no segundo trimestre de 2026, importou o valor de US$ 191,7 milhões da China, sendo o principal país da pauta de origem das importações, e com participação de 30,8%, porém, registrou queda de quase 20% do valor importado, comparado com o segundo trimestre de 2025. O Ceará comprou do país chinês sobretudo *Células fotovoltaicas montadas em módulos ou em painéis; Acumuladores eletricos de ion de litio; e Outros veículos, equipados unicamente com motor elétrico para propulsão.*

Os Estados Unidos foram o segundo país de onde o Ceará mais importou no período analisado (US$ 121,7 milhões), com crescimento de 28,4%, comparado ao segundo trimestre de 2025. Dos Estados Unidos o Ceará adquiriu principalmente *combistíveis*, a destacar *Hulha betuminosa; Gasóleo (óleo diesel); e Outras gasolinas, exceto para aviação*.

Em terceiro está a Argentina, com valor de US$ 59,2 milhões, significando aumento de 90,2%, comparado com o segundo trimestre de 2025. De lá foi adquirido principalmente *Trigos; e Alho frescos ou refrigerados.*

Em seguida estão os países da Colômbia e Austrália, destacando assim os cinco principais países dos quais o Ceará mais importou. Desses dois últimos países o Ceará contraiu sobretudo Ó*leo de denden, Hulha betuminosa, e Carnes desossadas de bovino.*

Tabela 5.5 - Principais países de origem das importações - Ceará - 2º trimestre 2025-2026

Descrição do País	2º trim. 2025		2° trim. 2026		Var %
	US$ (FOB)	Part %	US$ (FOB)	Part %	2026/2025
China	238.339.500	35,30	191.682.649	30,81	-19,58
Estados Unidos	94.811.172	14,04	121.711.805	19,57	28,37
Argentina	31.122.157	4,61	59.209.669	9,52	90,25
Colômbia	23.040.404	3,41	45.682.981	7,34	98,27
Austrália	20.532.392	3,04	26.522.854	4,26	29,18
Demais países	267.373.239	39,60	177.250.452	28,49	-33,71
Ceará	**675.218.864**	**100,00**	**622.060.410**	**100,00**	**-7,87**

Fonte: COMEXSTAT. MDIC. Elaboração: IPECE.

6 Finanças Públicas

Arrecadação trimestral

No que se refere as finanças públicas do Governo do Estado do Ceará é possível constatar que no segundo trimestre de 2026, comparativamente a idêntico período do ano anterior, houve aumento na disponibilidade de recursos, para o financiamento das políticas públicas, dado pelo incremento de 11,2%, ver Gráfico 6.1 e Tabela 6.1, das Receitas Correntes Líquidas (RCL) do Ceará.

É interessante observar que as duas principais fontes de receitas do Governo Estadual apresentaram crescimento no comparativo do segundo trimestre de 2026 em relação a 2025. Nesse sentido, as receitas de ICMS apresentaram incremento de 6,6%, representando, aproximadamente, uma acréscimo de R$ 342 milhões.

Já as receitas do FPE (Fundo de Participação dos Estados), que é a segunda maior fonte de recursos do Governo do Ceará, aumentaram em 5,3%, representando um acréscimo de, aproximadamente, R$ 210 milhões nas receitas estaduais. Essa performance é resultado do bom desempenho da arrecadação federal no ano de 2026.

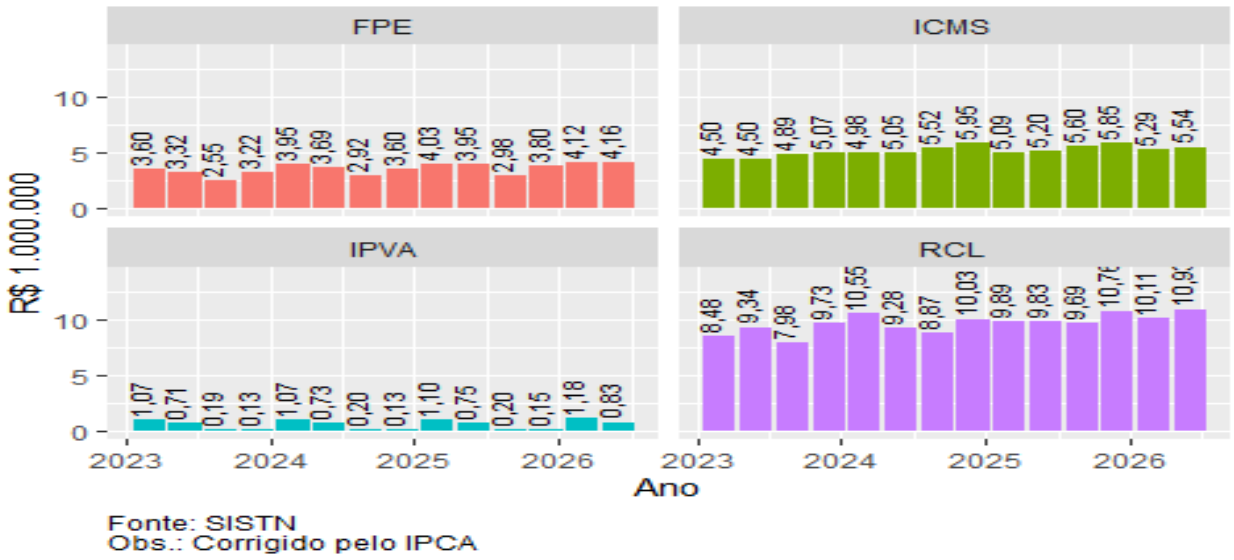
O desempenho do IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores), por sua vez, apresentou crescimento de 10,1%, quando se compara com o que ocorreu um ano antes.

Tabela 6.1 - Receita Corrente Líquida e Principais Fontes de Receitas do Governo do Estado do Ceará (R$ 1.000.000 de 12/2025)

Descricao	2025	2026	Δ (%)
ICMS	5.199,20	5.541,65	6,59
IPVA	752,83	829,17	10,14
FPE	3.948,72	4.158,28	5,31
RCL	9.825,40	10.926,99	11,21

Fonte: STN/Sincofi, Anexo 03 RREO. Elaboração Própria.
Atualizado pelo IPCA.

Gráfico 6.1: Receita Corrente Líquida e Principais Fontes de Receitas do Governo do Estado do Ceará (R$ 1.000.000 de 12/2025)



Fonte: SISTN
Obs.: Corrigido pelo IPCA

Arrecadação Acumulada do ano

Considerando-se os valores acumulados no ano, percebe-se, Tabela 6.2 e no Gráfico 6.2, que a RCL cresceu 6,7%, quando compara-se o acumulado até junho de 2026 com idêntico período de 2025, representando uma adição de R$ 1.323 milhões, aproximadamente, no montante de recursos disponíveis para o Governo do Estado.

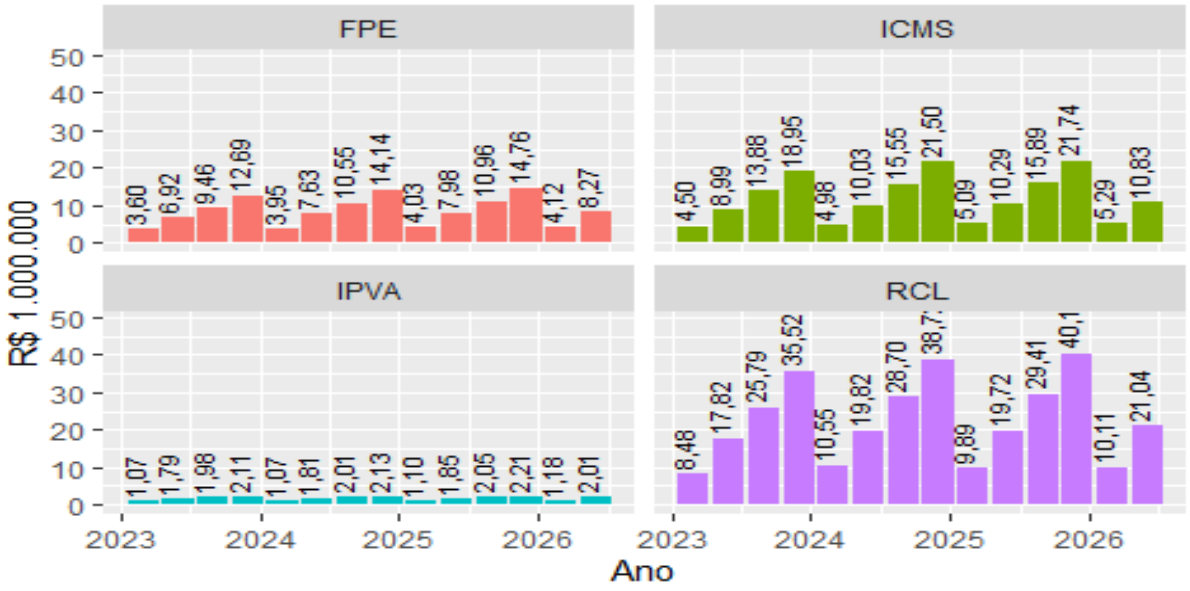
É interessante observar que as receitas do FPE e do ICMS apresentaram incrementos, dado que a receita desse imposto cresceu 5,3% e a transferência 3,7%. Ou seja, foram arrecadados a mais, relativamente a idêntico período de 2024, R$ 541 milhões, a título de ICMS, e R$ 295 milhões, pelo FPE.

Tabela 6.2 - Receita Corrente Líquida e Principais Fontes de Receitas do Governo do Estado do Ceará (R$ 1.000.000 de 12/2025)

Descricao	2025	2026	Δ (%)
ICMS	10.290,94	10.832,07	5,26
IPVA	1.853,57	2.008,89	8,38
FPE	7.979,45	8.274,39	3,70
RCL	19.717,09	21.040,14	6,71

Fonte: STN/Sincofi, Anexo 03 RREO. Elaboração Própria.
Atualizado pelo IPCA.

Gráfico 6.2: Receita Corrente Líquida e Principais Fontes de Receitas do Governo do Estado do Ceará (R$ 1.000.000 de 12/2025)



Fonte: SISTN
Obs.: Corrigido pelo IPCA